



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
CAMPUS BINACIONAL DE OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS

MARIA REGIANA G. NUNES E ERMELINDA ZILA DOS SANTOS

**DINÂMICA ECONOMICA DO POVO GALIBI MARWORNO NA ALDEIA
KUMARUMÃ**

OIAPOQUE – 2016

MARIA REGIANA GALIBIS NUNES E ERMELINDA ZILA DOS SANTOS

**DINÂMICA ECONOMICA DO POVO GALIBI MARWORNO NA ALDEIA
KUMARUMÃ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, do Campus Binacional, da Universidade Federal do Amapá, sob orientação do Prof. Msc. Eduardo Margarit.

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aprovado como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, do Campus Binacional, da Universidade Federal do Amapá, sob orientação do Prof. Msc. Eduardo Margarit.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca avaliadora:

Eduardo Margarit Alfena do Carmo (Orientador)

Carina Santos de Almeida (Membro)

Evilânia Bento da Cunha (Membro)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos inicialmente aos professores da escola Indígena Estadual Camilo Narciso da Aldeia Kumarumã: Professora Jaciara Santos da Silva, por ter nos dado a ideia de escolher esse tema, o qual fala da economia do nosso povo, e Professor Oracílio Macial dos Santos por ter nos apoiado em relação a esse trabalho, sempre nos incentivando a continuar.

As pessoas que nos deram apoio com entrevistas sobre a pesquisa: Enfermeira Elenice Pereira Veigas, que falou da alimentação industrializada que vem da cidade para a aldeia; Dona Conceição, que falou sobre a criação de galinhas, falecida recentemente; Dona Maria Ester, que permitiu ser fotografada e ainda deu entrevista sobre as cuias; Excacique Paulo Silva da Aldeia Kumarumã, pela paciência, mesmo doente aceitou falar sobre a dinâmica da economia do nosso povo Galibi Marworno; Dona Maria Jovelina, aceitou ser entrevistada, falou um pouco da economia de antigamente; Lucilia Lod, Galibi kalinã, funcionária da FUNAI, que nos deu apoio para continuarmos o nosso trabalho, com muita admiração pela escolha do nosso tema.

As pessoas que nos deram fotos: Gesiberto, Oracílio, Francinei, Aroldo e Jaciara.

As nossas famílias, que sempre nos incentivaram a continuarmos o curso e concluir nosso trabalho.

Professores do curso de licenciatura Intercultural Indígena: Professora Carina Santos de Almeida, por ter mostrado interesse pelo nosso trabalho; Professor Tadeu Lopes, o qual nos elogiou dando incentivo para continuarmos; A toda coordenação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

Por fim, agradecemos o nosso orientador, professor Eduardo Margarit, que nos ajudou com este trabalho, o mesmo teve muita paciência em nos orientar, sempre procurando melhorar o nosso entendimento.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho foi analisar a dinâmica econômica da Aldeia Kumarumã. A Aldeia Kumarumã é habitada pelo povo indígena Galibi-Marworno e está localizada na terra indígena Uaçá, no Extremo Norte do Estado do Amapá. Os Galibi-Marworno são grandes agricultores e produtores de farinha de mandioca, construtores de canoas e obás, feitas por encomenda, alimentam-se principalmente dos produtos da roça, pesca, caça, frutos e farinha de mandioca. Produzem também artesanato, cuias e outras atividades econômicas, como serviços braçais e a retirada da madeira para construção de casas. Muitos indígenas estudaram, fizeram cursos e formaram-se. Há também aqueles que passaram a se dedicar a atividades não habituais. Desta forma, atualmente, há professores, técnicos de enfermagem, serventes, merendeiras, aposentados, comerciantes, entre outras profissões que são exercidas pelos indígenas. Com o aumento da população indígena e novas formas de obtenção de renda, a partir de empregos formais e informais, além de benefícios e auxílios governamentais como: aposentadoria, bolsa família e pensões, houve mudanças significativas na vida dos moradores da Aldeia Kumarumã. Com as transformações econômicas houve a consequente mudança de hábitos culturais dos indígenas. O aumento do consumo de produtos alimentícios industrializados e a facilidade no acesso a bens de consumo, devido à capitalização de muitos indígenas, são os principais fatores de transformação cultural.

Palavras-chave: Economia Indígena; Organização Social; Povos Indígenas.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: vários tipos de peixes	19
Fig. 2: pescador de tucunaré.....	19
Fig. 3: tucunaré assado.....	19
Fig. 4: Piranhas	20
Fig. 5: piranha cozida.....	20
Fig. 6: menina Galibi-Marworno segurando um surubim.....	20
Fig. 7: venda de pirarucu.....	21
Fig. 8: jacaré amarrado.....	22
Fig. 9: indígenas comendo jacaré cozido	22
Fig. 10: Tracajá	23
Fig. 11: tracajá sendo preparada para o consumo.....	23
Fig. 12: ovos de tracajá.....	23
Fig.13: tatú	24
Fig.14: paca	25
Fig.15: macaco.....	25
Fig.16: carne de veado salgada	25
Fig.17: mutum	26
Fig.18: Pássaro (carará).....	26
Fig.19: menino carregando um pássaro.....	27
Fig.20: menino carregando duas garças.....	27
Fig.21: patos domésticos.....	27
Fig.22: galinhas.....	28
Fig.23: laranjas	29
Fig.24: abacaxi.....	29
Fig.25: banana branca	30
Fig.26: banana grande (mingau)	30
Fig.27: menino comendo caju	30
Fig.28: bebê comendo jambo.....	31
Fig.29: meninas amaçando o açai	31
Fig.30: jovem apanhando açai.....	31
Fig.31: cará roxo	32
Fig.32: d'achina	32
Fig.33: construção de canoa.....	33

Fig.34: madeira.....	33
Fig.35: remos.....	34
Fig.36: construção de uma obá	34
Fig.37: colar e pulseira de sementes.....	35
Fig.38: colar e pulseiras de miçangas.....	35
Fig.39: enfeite para cabelo.....	36
Fig.40: plumagem e cocar	36
Fig.41: Peneira.....	37
Fig.42: Gamelas	37
Fig. 43: cuias prontas para uso.....	38
Fig. 44: cuias sendo preparadas para receber tinta.....	38
Fig.45: mandiocas.....	41
Fig. 46: farinha de mandioca	41
Fig. 47: venda de farinha em Oiapoque	42
Fig. 48: venda de farinha em Saint George	42
Fig. 49: goma de tapioca	42
Fig. 50: tucupi crú.....	42
Fig. 51: tucupi com pimenta engarrafado.....	43
Fig. 52: pimenta baiaha.....	43

LISTA DE SIGLAS

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

SPI – Serviço de Proteção aos Índios

UNIFAP – Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA ALDEIA KUMARUMÃ	14
2. ATIVIDADES ECONÔMICAS DA ALDEIA KUMARUMÃ.....	17
2.1. Pesca (alimentos do rio).....	18
2.2. Caça (alimentos da floresta).....	23
2.3. Pássaros (alimentos do ar)	26
2.4. Frutas, verduras e legumes (alimentos da terra)	28
2.5. Extração de madeira e seus produtos.....	32
2.6. Artesanato.....	34
2.7. Utensílios domésticos	36
2.8. Mandioca e derivados	39
2.9. Atividades diversas.....	43
3. TRANSFORMAÇÕES ECONOMICAS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

A Aldeia Kumarumã é habitada pelo povo indígena Galibi-Marworno e está localizada na terra indígena Uaçá, no Extremo Norte do Estado do Amapá. Esta aldeia está situada na margem esquerda do médio curso do Rio Uaçá, afluente do Rio Oiapoque, em uma região de várzea, sobre uma ilha de terra firme.

O povo Galibi-Marworno, constitui-se a partir de remanescentes de várias etnias indígenas, principalmente a Maraone¹ e Aruã. Os primeiros, citados por viajantes na região de Oiapoque, e os segundos, oriundos da Ilha de Marajó, que migraram em fuga das perseguições dos colonos portugueses. Estes povos, bem como os Itoutanes, Galibi entre outros, passaram pela experiência das missões jesuítas no século XVIII, e pela exploração de comerciantes no século XIX (CIMI, 2006).

A população que se estabeleceu no rio Uaçá reconstruiu seu modo de vida e organização social. Divididos em grupos familiares, ocupavam as ilhas das savanas ao longo do Rio Uaçá. Havia entre essas famílias, laços de sociabilidade, estreitados especialmente em virtudes de festas, como o turé ou da santa padroeira (Santa Maria), que os reunia. A memória das perseguições de caça a escravos ficou na memória do grupo, e hoje é contada em termos míticos. Das várias línguas faladas pelas etnias que originaram este povo, há atualmente a memória de algumas palavras. (CIMI, 2006).

Com a chegada do SPI (Serviço de Proteção aos Índios), em 1942, iniciou-se uma atividade de assistência e tutela em relação aos índios da região. No caso dos Galibi-Marworno a ação ocorreu no sentido de concentrar todas as famílias, até então dispersas, num único aldeamento, denominado Kumarumã. Desde então, os laços de sociabilidade tem se fortalecido e, atualmente, possuem sofisticadas instituições políticas e econômicas. Os Galibi-Marworno falam o Kheuól e o Português, ou seja, são bilíngues (CIMI, 2006).

A população atual é de aproximadamente 2000 pessoas, localizadas as margens do Rio Uaçá, em uma região plana e de savana que é Aldeia Kumarumã, além dessa aldeia tem outras pequenas aldeias Galibi-Marworno, uma fica em uma ilha próxima ao Kumarumã, a outra fica na terra indígena Juminã e tem mais três ao longo da BR-156. Os Galibi-Marworno são grandes agricultores e produtores de farinha de mandioca, construtores de canoas e obás², feitas por encomenda, alimentam-se principalmente dos

¹ Maraone, aruá, Maruane, Maraon e Aruak: povos remanescentes de várias etnias.

² Obá: canoa grande feita de tábuas.

produtos tradicionais da roça, pesca, caça, frutos e farinha de mandioca. Produzem também artesanato, cuias e outras atividades econômicas, como serviços braçais e a retirada da madeira para construção de casas.

A vida comunitária é bastante estruturada, havendo assembleias periódicas, onde os assuntos importantes são discutidos, sob orientação do cacique e dos conselheiros, depois são apresentadas para a comunidade em reuniões, que são realizadas no começo de cada mês (CIMI, 2006).

Muitos indígenas estudaram, fizeram cursos e formaram-se. Há também aqueles que passaram a se dedicar a atividades não habituais. Desta forma, atualmente, há professores, técnicos de enfermagem, serventes, merendeiras, aposentados, comerciantes, entre outras profissões que são exercidas pelos indígenas.

Com as transformações econômicas houve a conseqüente mudança de hábitos culturais dos indígenas. O aumento do consumo de produtos alimentícios industrializados e a facilidade no acesso a bens de consumo, devido à capitalização de muitos indígenas, assim como a atuação dos agentes indigenistas. São os principais fatores de mudanças de hábitos cultural.

Portanto, diante das transformações econômicas e perspectivas futuras do povo Galibi-Marworno, surge a necessidade de compreender melhor a atual dinâmica econômica deste povo. Desta forma, a questão central colocada é: Qual a dinâmica das atividades econômicas da Aldeia Kumarumã? Para responder a esta questão o objetivo geral deste trabalho foi analisar a dinâmica econômica da Aldeia Kumarumã, a partir dos seguintes objetivos específicos: Analisar o processo de “formação” da Aldeia Kumarumã; Compreender os principais “elementos” da economia da aldeia; Identificar os itens produzidos na aldeia; Analisar as “conseqüências” das transformações econômicas.

Diante dos objetivos expostos, tornou-se necessário buscar formas de alcançá-los. Para tanto, foram definidos os seguintes passos metodológicos: Pesquisa bibliográfica nas bibliotecas da UNIFAP, FUNAI, Iepé e Museu Kuahí, no município de Oiapoque; Coleta de dados secundários na internet e em instituições com sede no município de Oiapoque, como: FUNAI, Museu Kuahí, UNIFAP, IBAMA, ICMBio, Iepé, entre outros; Realização de trabalho de campo na Aldeia Kumarumã, com seis entrevista para registrar informações vividas, coleta de dados, fotos e informações diversas; Análise e tabulação dos dados, com a elaboração de tabelas; Cruzamento dos dados coletados com a elaboração da redação final, análise de resultados e considerações finais.

O trabalho está dividido em três partes. O primeiro capítulo tem como objetivo analisar o processo de formação da Aldeia Kumarumã, neste sentido, foi realizada uma revisão bibliográfica de obras já existentes sobre o assunto, que forneceu as informações necessárias ao breve esforço de resgate do processo de formação da comunidade. Por se tratar de uma questão secundária, apenas para subsidiar a compreensão dos capítulos seguintes, as informações foram sistematizadas de forma objetiva e sintética.

O segundo capítulo encarrega-se de compreender os principais elementos da economia da aldeia, identificando os itens produzidos na aldeia e destacando a relevância de cada um deles. Nesta etapa o esforço se deu no sentido de realizar maior detalhamento das informações, baseadas principalmente nos dados primários coletados durante o trabalho de campo.

O terceiro capítulo trata das transformações econômicas da Aldeia Kumarumã e suas consequências para o modo de vida da comunidade. Neste capítulo, a análise funda-se na interpretação dos dados primários provenientes do trabalho de campo, mais particularmente nas entrevistas com os moradores mais antigos, que possuem uma visão histórica deste processo de transformação.

Por fim, são explicitadas as considerações finais do trabalho, que se baseiam em uma análise crítica das transformações econômicas e seus reflexos no modo de vida da comunidade. Buscando com isso fomentar a discussão sobre o tema e subsidiar futuros debates dentro da própria aldeia.

Tivemos o interesse em aprofundar o conhecimento sobre a dinâmica econômica do povo Galibi-Marworno, na Aldeia Kumarumã, porque somos indígenas e moradoras da aldeia, além de também exercemos atividades econômicas na aldeia. Desta forma, descobrimos que haviam poucas informações registradas sobre o assunto, então optamos por fazer os registros e documentar, para que possa servir de meio de informação e pesquisa aos alunos da comunidade e também para pessoas que tenham o interesse de conhecer a atividade e a economia desse povo.

Com o aumento da população indígena e novas formas de obtenção de renda, a partir de empregos formais e informais, além de benefícios e auxílios governamentais como: aposentadoria, bolsa família e pensões, houve mudanças significativas na vida dos moradores da Aldeia Kumarumã.

Portanto, é de extrema importância analisar a dinâmica econômica da Aldeia Kumarumã, procurando expandir a possibilidade de olhar e ver como essa aldeia tem

vivido com grandes transformações no seu modo de vida, entretanto, mantendo a sua identificação étnica. Mesmo diante de grandes transformações em suas moradias, modo de vestir, atividades econômicas e de lazer, esse povo continua a viver com grande parte de suas tradições. Desta forma, torna-se necessário compreender todo este processo e fazer com que estes registros possam servir para pesquisas de alunos e outros pesquisadores que queiram saber mais sobre o povo Galibi-Marworno.

1. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA ALDEIA KUMARUMÃ

Desde o século XVI, viajantes e missionários relataram a conturbada história que os povos nativos vivenciaram desde a chegada dos europeus. Ao longo dos séculos, indígenas e estrangeiros, de acordo com as contingências, estabeleceram relações, fizeram trocas ou entraram em guerra. Nesses processos, muitas etnias desapareceram; outras foram incorporadas em grupos maiores; outras ainda se firmaram, constituindo os atuais povos indígenas que habitam o Norte do Amapá. Com os esforços da diplomacia brasileira, representada pelo Barão do Rio Branco, a disputa pela posse da região entre França e Brasil foi resolvida. A partir desse momento o governo brasileiro se preocupou com as populações da fronteira, considerando a urgência de “abrasileirar” seus costumes.

Atualmente os povos indígenas vivem longe da costa litorânea do Amapá, resultado das perseguições na época da colonização. Na virada do século XX foram contatados por extrativistas, viajantes e missionários e várias doenças foram sendo transmitidas por eles, causando redução de população. Foi também quando os órgãos governamentais começaram a implantação de políticas assistenciais na área de saúde e educação. Assim, várias aldeias foram formadas, a etnia Galibi Marworno que foi constituída a partir de remanescentes de várias etnias indígenas principalmente de Maruane e Aruã, os primeiros citados por viajantes da região de Oiapoque desde o século XVIII, os segundos oriundos da ilha de Marajó e migraram no século XVII em perseguições dos colonizadores portugueses (GALLOIS; GRUPIONI, 2003).

Uma das iniciativas do governo brasileiro na área foi a tentativa de reagrupar toda a população indígena do Vale do Rio Uaçá. Em 1936 a inspetoria especial de fronteira enviou um emissário ao uaçá, o Major L. Thomas Reis, para verificar a possibilidade de reunir os indígenas em uma única povoação. A aldeia Kumarumã surgiu a partir daí, a sua formação foi com muitas dificuldades (CIMI, 2006).

Segundo os mais antigos da aldeia, antropólogos e pesquisadores, o nome da aldeia era vila Santa Maria dos Galibi, a Aldeia Kumarumã surgiu a partir da implantação da educação escolar (RICARDO, 1983). O autor citou também que a aldeia recebeu este nome por ter sido o local de moradia de um antigo “capitão” que se chamava “Arumã,” o nome Kumarumã surgiu através desse nome, porque foi primeiro morador daquele lugar, muito antes da denominação Galibi Marworno. Com ao passar do tempo esse lugar foi ocupado pelo grupo indígena Galibi Marworno.

O maior grupo indígena Galibi Marworno se concentrava na ilha do Kumarumã, outros pequenos grupos indígenas Galibi Marwono viveram dispersos em várias ilhas nas margens do rio Uaçá, e onde viviam grupos familiares entre laços de relação muito estreita, satisfeitos, não desejavam nenhuma alteração quanto ao seu modo de vida.

Antes da atuação do SPI, o governo brasileiro já se preocupava com moradores da região, mas os indígenas Galibi Marworno são formados por várias etnias diferentes que não possuíam o mesmo modo de vida, por isso, a preocupação do governo era exatamente para que habitassem todos em uma única povoação. Essa ideia de agrupá-los em um só lugar foi feita entre o Estado, o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), os Galibi Marworno, que moravam já algum tempo na aldeia Kumarumã, e que já tinham vários contatos com os não indígenas e alguns deles passaram a ser lideranças da aldeia e faziam parte do SPI (Serviço de Proteção aos Índios).

Durante esse período, as lideranças indígenas moradores da aldeia tiveram uma missão quase impossível, o agrupamento das famílias para o Kumarumã, foi muito difícil convencê-los para deixarem seus lugares de origem. Na maioria das vezes durante a missão de agrupar famílias chegarem às aldeias, as mulheres, crianças, jovens e alguns adultos se escondiam dentro da mata, somente alguns velhos que permaneciam para ouvir e conversar com a equipe de lideranças e o chefe do SPI. O objetivo desse encontro era para informá-los sobre a implantação da escola na Aldeia Kumarumã, a pedido do Governo brasileiro. Todas as crianças indígenas deveriam ir à escola para aprender a ler, escrever e falar a língua portuguesa.

No início os indígenas da região ainda com pressentimentos de serem escravizados não aceitavam diretamente o contato, por isso, não tinham muita ligação com outras famílias. Não foi fácil convencê-los para o deslocamento até a nova Aldeia. Na época as lideranças da Aldeia Kumarumã ficaram responsáveis em convencer aos poucos esses grupos familiares que viviam espalhados nas ilhas da margem do rio Uaçá. Fizeram várias incursões para convencer todas essas pessoas. Enquanto o SPI atuava na tentativa de reagrupar os indígenas da região, através das leis determinadas pelo governo, o qual tinha que cumprir, assim seria mais fácil administrar, ou seja, de atender os indígenas com mais facilidade num só local na parte da educação e saúde.

Entre os Galibi Marworno do Rio Uaçá não foi diferente, aos poucos a concentração em Kumarumã, foi acontecendo com certa resistência. Mas, através dessa imposição do Governo, por meio do SPI, encontrou dificuldade no início e se deparou com

situação contrária da realidade desse povo. Principalmente, porque no início começaram a sofrer explorações capitalistas (CIMI, 2006).

Mesmo com a aldeia formada havia famílias que não deixaram suas moradias para ir morar em Kumarumã, apenas os filhos se deslocavam até a aldeia para estudarem e nos finais de semana retornavam para suas famílias. Porém, com a implantação da escola em 1945, através do SPI, a Aldeia Kumarumã, começou a ganhar sua estrutura atual de organização. Mas em Kumarumã a população mais antiga não tem uma boa lembrança no tempo do SPI. O órgão não deu muita assistência para eles, apenas fiscalizavam os índios e davam punição quando cometiam alguns erros, principalmente na escola os alunos eram obrigados a falar a língua portuguesa. Mas apesar de todos os problemas que aconteceram com esse povo indígena, através dos estudos tiveram uma outra visão, hoje valorizam cada vez mais a sua língua materna, revitalizando a sua tradição, e passaram a ocupar o seu espaço na sociedade.

A Aldeia Kumarumã se originou a partir da implantação da escola e das lutas das lideranças, conseguiram convencer as famílias a vir e formar a Aldeia Kumarumã. Esta é a realidade contada por antigos moradores da aldeia (Felizardo dos Santos, já falecido).

Atualmente os Galibi Marworno da Aldeia Kumarumã vivem no rio Uaçá, concentrados desde a época do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em uma única aldeia está basicamente estruturada e possui aproximadamente dois mil habitantes, algumas famílias estão começando a formar novas Aldeias em ilhas ao longo do rio Uaçá, por motivo de não ter mais espaço na Aldeia Kumarumã para construir moradias.

Há ainda outras aldeias Galibi Marworno, incluindo a Aldeia Aruatú, localizada em uma pequena ilha próxima aldeia Kumarumã, que é habitada por seis famílias, e outras novas aldeias que estão em processo de abertura, todas estão ligadas a aldeia do Kumarumã, em busca de seus serviços. Três estão localizados na Terra Indígena Uaçá, na BR 156. No quilometro 83 desta rodovia fica a Aldeia Samauma e no quilometro 92 a Aldeia Tukay (o local onde tinha um antigo posto de vigilância) e uma pequena aldeia aberta no quilometro 102, Anawerá. Há ainda a aldeia Uahá, localizada na Terra Indígena Juminã, habitada pelos Galibi Marworno. Todas podem ser vistas no mapa que consta no Anexo I deste trabalho. E mais outras 06 novas aldeias que foram formadas recentemente, que são: Manaú, Flamã, Pahaiko, Kaxuahi e outras duas que ainda estão em processo de formação. Cada aldeia tem o seu próprio modo de viver, mas a tradição fortemente está presente entre os indígenas Galibi Marworno da Aldeia Kumarumã.

2. ATIVIDADES ECONÔMICAS DA ALDEIA KUMARUMÃ

A economia indígena refere-se às questões que envolvem o desenvolvimento sustentável dos Galibi-Marworno na perspectiva da autonomia econômica e significa promover iniciativas produtivas dos recursos naturais de forma econômica, social, cultural e sustentável (LUCIANO, 2006).

Como em toda região Amazônica, no vale do Rio Uaçá ocorrem duas estações: inverno e verão. Estas estações definem o ciclo de subsistência e atividades econômicas realizadas na aldeia Kumarumã, durante o ano todo.

As atividades de subsistência dos Galibi-Marwono variam de acordo com as estações do ano: seca e chuvosa, a primeira entre julho e novembro e a segunda entre dezembro e junho. De acordo com a época do ano, ou com as necessidades mais imediatas, as atividades têm lugar no alto curso do rio (nas florestas percorridas para a caça e para a retirada de madeira, ou nas águas piscosas da região) ou no médio e baixo curso (espaço "aberto" das savanas, utilizado principalmente para o plantio, nos tesos em meio às terras alagáveis), bem como para a pesca (GALLOIS; GRUPIONI, 2003). Há ainda algumas regras:

Obedecendo a normas de preservação ambiental, foi estabelecido em assembleia, na década de 80, que o peixe e a carne de caça não seriam vendidos fora da área Indígena. A pesca está também sujeita a períodos de restrições para proteger a desova da tracajá, do pirarucu, e a caça ao jacaré. As armas para a pesca continuam a ser as tradicionais, o arco e a flecha, o arpão, a ponta e a zagaia que os homens fabricam com ferro velho batido e trabalhado no fogo. Os índios comem todas as espécies e já sentem a falta de algumas delas, supostamente devido a um alto consumo deste tipo de alimento. (GALLOIS; GRUPIONI, 2003. pg.66).

Os trabalhos coletivos nas roças obedecem ao sistema de "convidados", os maiuhi³, ou mutirões tradicionais, mas cada família vende a sua produção individualmente no comércio de Oiapoque ou em Saint Georges (na margem francesa do rio Oiapoque), onde o preço é melhor mas onde a venda, por lei, deve ser diretamente ao consumidor, sem intermediários, o que é complicado para os índios. Sendo assim eles vendem os seus produtos no mercado ou por encomenda (RICARDO, 1983).

Os Galibi- Marworno distinguem quatro tipos de alimentos, e todos entram no cardápio variando segundo as estações. São eles: os alimentos do rio (peixes, jacarés e tracajás), alimentos da floresta (caças), alimentos do ar (pássaros) e alimentos da terra

³ Maiuhi: multirões

(farinha, tapioca, frutas e raízes). Esse povo pratica também outras atividades econômicas como a extração de madeira, artesanatos, cuias e outros, em seu território, para o sustento e consumo da família. A pesca, caça, frutas, artesanatos, cuias, cestaria e agricultura são atividades tradicionais dos indígenas. Mas tem outras atividades que foram sendo desenvolvidas com o tempo, como o trabalho de pedreiro e carpintaria, assim como o comércio dentro da comunidade.

Os Galibi Marworno da Aldeia Kumarumã atualmente vivem em localidade onde a alimentação é feita através de produtos retirados da natureza, na forma de pesca, caça e coleta de frutas e raízes, respeitando os limites e épocas propícias a cada tipo de alimento. Este cardápio é balanceado com produtos industrializados, vindos com maior frequência para a Aldeia com fácil acesso à cidade, principalmente a de Oiapoque.

O rio possui uma função de destaque na economia deste povo. “Todas as atividades dos Galibi-Marworno estão ligadas ao rio, por ele chegam às suas roças, dele retiram o pescado, principal fonte de alimento. Pelo rio também chegam as áreas de caça” (GALLOIS; GRUPIONI, 2003. Pag.65).

A caça e a pesca são meios muito antigos e tradicionais de subsistências na Aldeia, e é um costume passado de pai para filho durante as práticas cotidianas. Cabe então, descrever melhor cada uma destas atividades.

2.1. Pesca (alimentos do rio)

No verão a água concentra-se no rio, que fica bastante seco, facilitando a pesca com anzol, linha e zagaia, ou arco e flecha. Nesse período comem-se quase todos os tipos de peixes e preparos, como mostra da figura 1 a 7, até mesmo os mais nobres como: tucunaré (kunani), tamuatá (atxipa), e pirarucu (txuhi). A pesca se desenvolve no ano todo, com maior intensidade nos meses de verão, quando o peixe é mais abundante, tendo mais facilidade na pesca. Nessa época, qualquer criança vai ao rio em busca do peixe para o consumo da família e renda de lucros. Os indígenas da aldeia Kumarumã pescam somente com anzol, arpão, zagaia e arco e flecha.



Fig. 1: vários tipos de peixes.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 2: pescador de tucunaré.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 3: tucunaré assado.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 4: Piranhas.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 5: piranha cozida.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 6: menina Galibi-Marworno segurando um surubim.
Fonte: Gesiberto policarpo.



Fig. 7: venda de pirarucu.
Fonte: Oracílio Macial dos Santos.

O tucunaré (kunanã), (figura 2), é um peixe muito delicioso e bastante procurado no rio pelos pescadores indígenas, para servir de alimento na comunidade. E até mesmo por visitantes, por ser um peixe gostoso e carne macia tendo poucas espinhas. Esse peixe pode ser preparado como, assado na boca do forno ou assado na brasa, figura 3, cozido de caldo ou de qualquer outro jeito.

A piranha (pihai), (figura 4), é um peixe que se pesca em qualquer época, tanto no inverno, como no verão, por ter grande quantidade no rio. É muito consumido e fácil de se pepar, mas que se deve ter cuidado para não levar mordida dela. Esse peixe é saboreado cozido ou assado, como mostra a figura 5.

O surubim (vuí), (figura 6), também faz parte dos principais alimentos no consumo, considerando-se, assim como os outros, um peixe de primeira qualidade para ser consumido no alimento dos indígenas. Sendo vendido no preço da tabela assim como os outros.

Como a pesca é realizada com maior frequência durante o verão, o consumo de peixe é muito alto nessa época, pois o período facilita a pescaria, os peixes estão em grandes quantidades, podendo em alguns lugares serem pegos com as próprias mãos. Muitos morrem nos igarapés quando ocorrem as secas. O pirarucu, figura 7, é a maior espécie de água doce é um dos peixes, tanto fresco, quanto salgado, mais apreciado pelos indígenas da Aldeia. Para garantir a sobrevivência da espécie as lideranças indígenas também criaram regras, proibindo a pesca no período de procriação.

É proibida a venda da caça e peixe para as cidades, só pode ser comercializada dentro da comunidade e com valores definidos pelas tabelas de preço locais, conforme consta no Anexo II deste trabalho.

Assim como esses peixes, também na aldeia Kumarumã se consome outros tipos de alimentos provenientes do rio, como o jacaré e o tracajá e seus ovos, figuras 8 a 12 que são também alimentos de boa qualidade. São alimentos muito consumidos pelos indígenas e pelas pessoas que vem de fora para a aldeia, sendo que o jacaré é vendido por quilo e o tracajá é vendido por tamanho, de acordo com o preço da tabela. Os indígenas aproveitam também os ovos, que são muito procurados para o alimento e para a venda na comunidade. O ovo de tracajá é vendido por dúzia e o de jacaré é por unidade.

A coleta de ovos de tracajá e jacarés é uma atividade feita pelos homens, que vão aos campos secos em busca, para trazer e consumirem em seus alimentos, passando pelo menos dois dias e duas noites no rio para encontrarem esses ovos.



Fig. 8: jacaré amarrado.
Fonte: Oracílio Macial dos Santos.



Fig. 9: indígenas comendo jacaré cozido.
Foto: Oracílio Macial dos Santos.



Fig. 10: Tracajá.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 11: tracajá sendo preparada para o consumo
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 12: ovos de tracajá.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.

2.2. Caça (alimentos da floresta)

No inverno, a pesca passa a ser muito difícil por causa das chuvas, a água “cresce” muito, fazendo com que os peixes espalhem-se nos campos alagados. Neste período a caça torna-se uma atividade fundamental para a sustentabilidade da comunidade.

Quando chega esse período chuvoso, a pesca se torna escassa, com isso a procura por caças aumenta para os indígenas, tanto de dia quanto durante a noite. As caças mais consumidas e vendidas ou trocadas dentro da aldeia são: a cutia, a paca, o veado o caititu, o macaco, a anta e o porco-do-mato.

Os indígenas que vão em busca da caça, sobem o rio em direção a mata de terra firme ou nas montanhas, onde passam dois ou três dias caçando, pernoitam a espera de animais como: anta, veado, cutia, tatu (fig. 13), paca (fig. 14), macaco (fig.15), caititu e queixada. Assim que conseguem matar a caça voltam para a aldeia trazendo a caça fresca ou salgada, como mostra a figura 16, para o alimento da família e o consumo da comunidade. Geralmente em Kumarumã a venda é feita com trocas de um produto com o outro, como: farinha com caça, e vice-versa. E o valor da carne da caça fresca é menor do que o valor da caça salgada. Também muitas das vezes, depende do tipo do animal. Os Galibi-Marworno usam somente a espingarda para caçar.



Fig.13: tatu

Fonte: Oracílio Macial dos Santos



Fig.14: paca
Fonte: Oracílio Macial dos Santos



Fig.15: macaco
Fonte: Oracílio Macial dos Santos

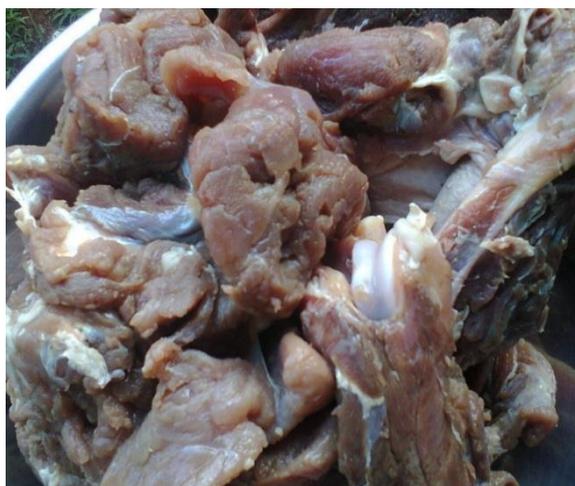


Fig.16: carne de veado salgada
Fonte: Francinei.

2.3. Pássaros (alimentos do ar)

Os pássaros são outras fontes de alimentos. Espécies como garça, maguari, mergulhão, jaburu, mutum, pato selvagem, marreco, carará e outros que são encontrados no campo alagado, servem de venda e consumo na própria comunidade. São fontes de alimentos muito apreciados pelos Galibi-Marworno. Os preços dos pássaros variam de acordo com a espécie, respeitando o valor da tabela feita pela comunidade. Há ainda os pássaros domésticos, como patos e galinhas, criados na aldeia. Alguns dos pássaros que irão servir de alimentos podem ser vistos nas figuras 17 a 22.



Fig.17: mutum
Fonte: Francinei.



Fig.18: Pássaro (carará)
Fonte: Francinei.



Fig.19: menino carregando um pássaro
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.20: menino carregando duas garças
Fonte: Maria Regiana G. Nunes

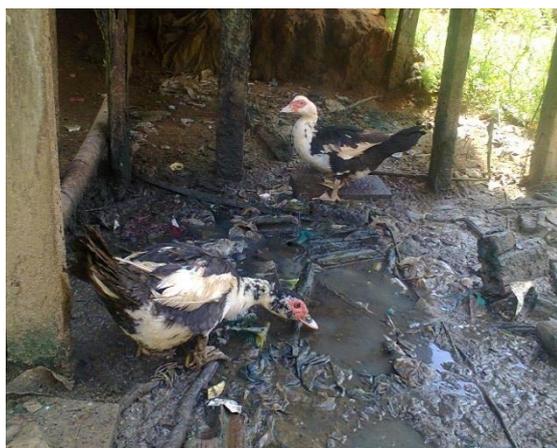


Fig.21: patos domésticos
Fonte: Gesiberto Policarpo



Fig.22: galinhas

Fonte: Maria Regiana G. Nunes

A galinha caipira é criada por algumas famílias de Kumarumã, também é consumida principalmente em situações de doenças e partos ou quando não tem outros tipos de alimentos na aldeia. Sendo que a galinha, também é vendida pelo preço da tabela, obedecendo às regras de venda.

2.4. Frutas, verduras e legumes (alimentos da terra)

As frutas, verduras e legumes são fontes de vitaminas e suplemento para o alimento dos indígenas da aldeia Kumarumã. A coleta se consiste nas duas estações do ano, dividindo-se por tempo, como frutas, palmeiras e raízes. Alguns alimentos são retirados nas duas estações, dependendo da mudança de clima. Estes alimentos são vendidos ou trocados por unidades, cento, dúzia, por caneco e quilo. Os indígenas saboreiam as frutas também como sucos. Algumas frutas também servem para fazer mingau para o alimento das crianças e dos adultos.

As frutas são destacadas de acordo com o tempo de verão e inverno.

Frutas do verão: abacate, abacaxi, banana, caju, ingá, maracujá, mamão, laranja, jambo e outros.

Frutas do inverno: cupuaçu, laranja, goiaba, jambo, manga, abararí, mamão e outros. Essas frutas podem ser feitas como sucos e a banana é feita como mingau para o alimento das crianças.

Algumas frutas, como a banana, jambo, mamão, laranja, etc. são coletadas nos dois tempos: inverno e verão.

Palmeiras: açai, bacaba, tucumã e inajá. Essas palmeiras que dão frutos em época de inverno, são servidos como suco para o complemento de alimento. O açai e a bacaba

também são servidos como sucos e são alimentos que todos os indígenas saboreiam com farinha ou tapioca. Também são colocados no mingau de farinha e de tapioca. São vendidos por litros e por lata pelo preço da tabela. O tucumã e o inajá são aproveitados para comer a massa, os caroços são aproveitados para fazer artesanatos e a amêndoa é retirada para fazer óleos e banhas, que são vendidas por poção em colher, para tratar de machucados. Já a bacaba é apanhada geralmente em época de verão.

As raízes como: cará roxo, cará branco, batata doce, d'china e macaxeira, são retirados da roça para serem servidas como mingau e para serem comidas com café da manhã. São vendidas na própria comunidade.

As frutas, verduras e legumes citados podem ser vistos nas ilustrações de 23 a 32.



Fig.23: laranjas

Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.24: abacaxi

Fonte: Maria Regiana G. Nunes

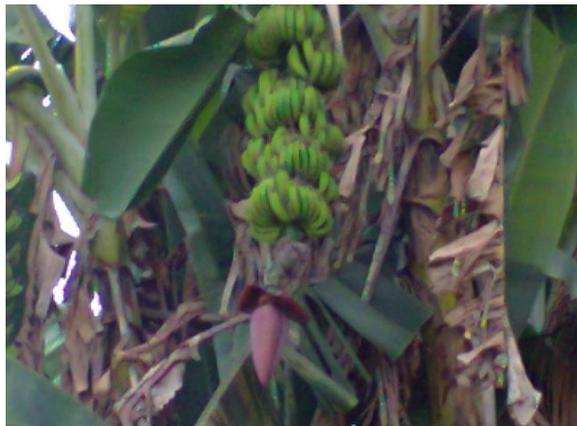


Fig.25: banana branca.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.26: banana grande (mingau)
Fonte: Erika Wane



Fig.27: menino comendo caju
Fonte: Francinei



Fig.28: bebê comendo jambo
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.29: meninas amaçando o açaf.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.30: jovem apanhando açaf.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.31: cará roxo.

Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.32: d'achina.

Fonte: Maria Regiana G. Nunes

2.5. Extração de madeira e seus produtos

A extração de madeira é mais uma das fontes de economia do povo Galibi Marworno da Aldeia Kumarumã. A canoa é uma das atividades feita e passada de pai para filhos, mas, também para outras pessoas que tem interesse de aprender.

A madeira é retirada da própria área indígena e vendida na comunidade, por peças ou por dúzia, de acordo com o preço de tabela, para construção de casas, como, tábuas, pernamâncas, frechais, esteios⁴ e outras. São preços variados de acordo com o tipo de madeira, como: acapú, cedro, andiroba e outros.

A madeira, como mostra a figura 33, é usada para construir canoas que é uma atividade, também é tirada da mesma área de floresta para construir obá, figura 36. Sendo que as canoas e obás são vendidas tanto na comunidade, quanto nas cidades vizinhas, como

⁴ Pernamâncas, frechais, esteios: peças de madeira em diferentes formatos e tamanhos que serve para construção de casas.

Saint George e Oiapoque. Em Saint George a venda da canoa e de obá rende muito mais, porque o dinheiro recebido é em euro, e trocando em Oiapoque pelo real, o valor passa a valer muito mais. Isso faz com que o indígena ganhe mais pelo seu trabalho, e passa a usar no seu consumo de alimento, compras de eletrodomésticos e em outros objetos para suprir suas necessidades.

A madeira para fazer o remo (figura 35) é retirada da mata e serve para o próprio uso e para encomenda de vendas para outros indígenas. O remo que serve para remar passa ser complemento de renda para quem faz e vende. O preço do remo também está na tabela, assim como os outros.

A madeira que fica dentro da reserva indígena, só pode ser retirada pelos indígenas e não pelos não indígenas, podendo ser vendida apenas dentro da comunidade para o uso do próprio povo. Sendo assim respeitada as regras da aldeia.



Fig.33: construção de canoa
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.34: madeira
Fonte: Oracílio Macial dos Santos



Fig.35: remos

Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.36: construção de uma obá.

Fonte: Jaciara Silva.

2.6. Artesanato

Os Galibi-Marworno também constroem e vendem artesanatos para complemento de subsistência da família. Os artesanatos são vendidos em vários locais, como: Saint George, que são pago em Euro e trocado na cidade de Oiapoque por Real e na cidade de Oiapoque. São vendidos nos locais como o Museu Kuahi ou são vendidos por encomendas até mesmo na capital Macapá. Os artesanatos vendidos são: colar, pulseira, brinco, anel, enfeite de cabelo, cocar e plumagem, conforme ilustrado nas figuras 37 a 40, são feitos com miçangas, sementes, ossos de cobras, caroços, bambu, escama de pirarucu, madeira, casco de tatu e penas de pássaros. O cocar e a plumagem são usados na dança do turé.

As sementes e caroços são retirados na mata e dentro da própria aldeia. Essas sementes são furadas, assim como os caroços que passam por processos, ganhando formas bonitas, ficando prontas para o uso. Os mais usados são as sementes e miçangas. As

miçangas são compradas geralmente nos comércios da cidade, e as sementes são retiradas da floresta ou na comunidade.

Os enfeites para cabelos, figura 39, são feitos de sementes, miçangas e caroços. É um objeto muito usado pelas mulheres indígenas e muito encomendados pelas mulheres não indígenas, que compram para uso ou para revender. Os enfeites de cabelos, geralmente são vendidos por encomendas e por preços combinados.

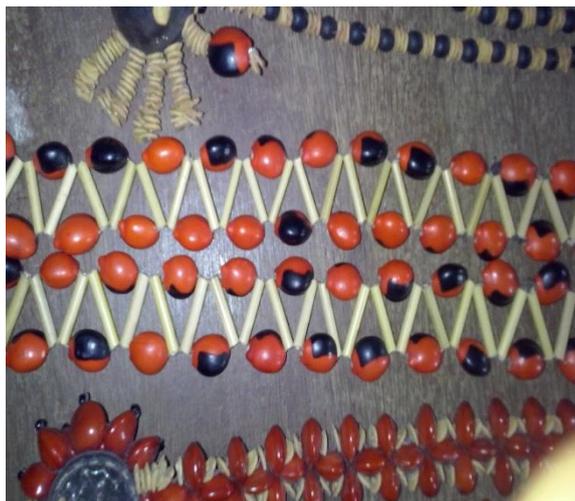


Fig.37: colar e pulseira de sementes
Fonte: Maria Regiana G. Nunes

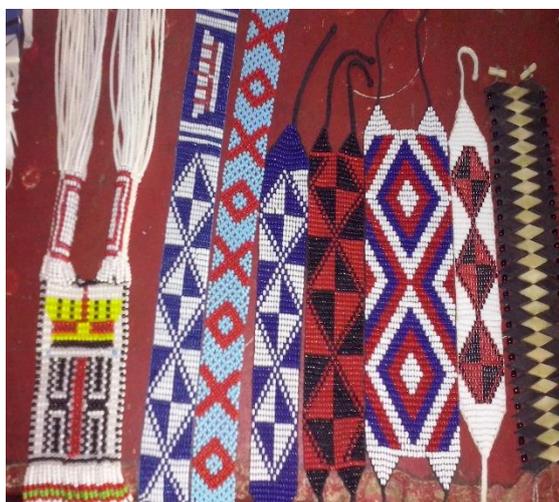


Fig.38: colar e pulseiras de miçangas.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.39: enfeite para cabelo
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.40: plumagem e cocar
Fonte: Aroldo

2.7. Utensílios domésticos

As cuias são outras grandes fontes de rendas e lucros para quem faz e vende. Essa é uma atividade feita por mulheres. Geralmente as mulheres vendem por encomendas ou trocam por produtos que precisam, como sabão e água sanitária. Essa troca é feita quase sempre em Saint George. Entretanto, a grande relevância das cuias está nas tarefas cotidianas, conforme afirma Vidal (2009):

A cuia é um objeto simples, leve, redondo e aconchegante. Pintadas, marcadas, desenhadas, as cuias propiciam múltiplos usos na vida cotidiana dos indígenas. As cuias grandes são para servir o chibé, água e farinha. No dia a dia, as cuias são usadas para comer ou para servir farinha, tapioca, tucupi, açai, bacaba ou tacacá.

Servem, ainda, para pegar água ou para guardar miudezas, como sementes ou miçangas. Fabricar cuias é uma atividade feminina cotidiana. É motivo de orgulho das artesãs que gostam de fabricá-las, guardá-las, usá-las e oferecê-las de presente.

Alguns homens atualmente se dedicam a esta arte, incentivados pelo recrudescimento das expressões culturais (VIDAL, 2009. Pag.34).

As peneiras (figura 41) também são artesanatos feitos para o uso de trabalho em carbês. Servem para passar massa seca da mandioca e da tapioca. Já o paneiro é de pouco uso na comunidade de Kumarumã, são poucas que ainda se usam para colocar mandioca e outros. A peneira serve também para passar o açaí e a bacaba. É um objeto muito usado pelas pessoas nos trabalhos de carbês. Assim como as gamelas (figura 42), que servem para colocar a massa da mandioca. Esses objetos são vendidos de acordo com o preço do vendedor.



Fig.41: Peneira

Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig.42: Gamelas

Fonte: Maria Regiana G. Nunes

As cuias são vendidas por preços diferentes, dependendo do tamanho (figura 43). São raspadas (figura44), feitas marcas indígenas e pintadas com uma tinta chamada kumatê, que é retirada somente na mata pelos homens, os quais entregam para as mulheres, que fazem o processo. Sendo que essa tinta depois de pronta é vendida por litro.



Fig. 43: cuias prontas para uso.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig. 44: cuias sendo preparadas para receber tinta
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.

A venda de cuias é complemento de renda para as atividades das mulheres indígenas, sendo que muitas das vezes essas cuias são encomendadas por pessoas que moram em Saint George e outros indígenas como os do Camopí, cidade da Guiana Francesa, que passam pela cidade de Oiapoque. Os mesmo dizem que não tem cuia na aldeia deles, por isso compram quando veem outros indígenas vendendo. Essas vendas são feitas até mesmo na cidade de Macapá. Também são colocadas no Museu Kuahi, onde são compradas por turistas e visitantes.

A maioria das mulheres indígenas gostam muito de fazer cuias, é como se fosse um passa tempo para elas. Como diz dona Ester com 70 anos de idade: “Eu gosto de fazer cuia, por que acho muito bonito, dá um pouco de trabalho, mas é uma coisa que serve pra

colocar farinha, tomar chibé⁵, é do nosso costume e a gente vende pra ganhar um dinheirinho” (Maria Ester Galibis. Entrevista, 2015).

As cuias servem para tomar tacacá, colocar farinha de mandioca, tapioca e serve principalmente para tomar chibé, assim como serve para tirar água da canoa.

2.8. Mandioca e derivados

A economia indígena é fundamental para a sobrevivência do povo Galibi Marworno. A principal atividade produtiva desse povo é com a agricultura, na produção da farinha de mandioca. Segundo o ex cacique Paulo Silva:

A economia sempre foi estagnada pelo comercio por ser a questão quase só da farinha. A atividade era e é mais somente na agricultura. Nós nunca tivemos outros tipos de plantação na agricultura, sempre a nossa maior atividade econômica esteve na farinha de mandioca. Depois de muito tempo a farinha permanece até hoje.

Trabalhei muito na roça, sempre fui agricultor, só que eu e minha família fazíamos roças grandes todo ano e como eu era liderança, não ficava direto para o trabalho de agricultura, e assim não dependia de venda, a farinha era só para comer com a família, mas as outras pessoas dependiam mesmo era da venda de farinha, porque o trabalho de fazer farinha envolve toda família.

Tenho uma lembrança do meu falecido pai, que ele dizia quando já estava morrendo: — meu filho nunca deixa de trabalhar na agricultura, olha, tu sabe como eu te criei, sempre fazendo farinha, nunca esquece isso, todo ano faz tua roça, planta, colhe, aproveita, mesmo que tu faça comércio, ou tenha emprego, sempre trabalha com teus filhos, porque isso é importante para nós. É parte da nossa cultura e sobrevivência (Paulo Roberto Silva. Entrevista, 2015).

O trabalho de agricultura vem ser a principal atividade de subsistência econômica do povo Galibi Marworno. Onde, o trabalho da roça é o meio de sobrevivência, feito em família, isso somente quando a roça já está pronta para o consumo. O trabalho de roça é feito em coletivo, ou seja, um ajudando o outro.

Os trabalhos em coletivos nas roças obedecem ao sistema de "convidados", os maiuhi, ou mutirões tradicionais, como a derruba, o plantio e capina. Mas, quando é feito o maiuhi na produção de farinha, cada família vende a sua produção individualmente no comércio de Oiapoque ou em Saint Georges (RICARDO, 1983).

A mandioca é tirada da roça e trazida para o carbê, como mostra a figura 45. Lá é feito todo o processo da farinha, como colocar uma quantidade na água para amolecer, depois pode ser tirada para misturar com mandioca ralada, onde se mistura para produção da farinha. Também da mandioca que passa a ser massa, é retirado o tucupí e a goma da tapioca que depois de torrada passa a ser farinha de tapioca, que é também um produto

⁵ Chibé: farinha com água e pimenta, servido na cuia.

muito bem procurado para comercialização, assim como o tucupí, o qual também vai para venda na cidade, onde é muito procurado para vendas e consumo. Inclusive o povo do Oiapoque gosta muito da pimenta com tucupí. São produtos que não podem faltar na feira e na mesa do povo oiapoquense. Todo este processo e seus subprodutos podem ser vistos as figuras de 45 a 51.

A farinha de mandioca (figura 46), vem a ser o principal produto que serve como alimento para a população indígena e não indígena. A farinha de mandioca é comercializada nas cidades de Oiapoque, como mostra a figura 47, e em Saint George, como mostra a figura 48. Sendo muito bem vendida nas duas cidades, dando mais lucro, quando a mesma é vendida em EURO (dinheiro francês), pode ser trocado em Oiapoque pelo dinheiro REAL, aumentando o valor. A farinha pode ser vendida também por encomenda, na cidade de Oiapoque, isso facilita na rapidez da venda e o retorno para a Aldeia.

Muitas das vezes a farinha de mandioca serve como dinheiro na comunidade, em caso de compra de um produto pelo outro. Isso já vem de muito tempo, ou seja, a troca de um produto pelo outro, faz parte do costume indígena.

Para que a farinha seja transportada da aldeia para a cidade é preciso que passe pelo rio, pois o meio de transporte é somente de barco pelo rio Uaçá, já que a aldeia Kumarumã está situada numa ilha cercada por campo alagado, em frente ao Rio Uaçá. Por isso que as embarcações fazem viagem para as cidades de Oiapoque e Saint George, para que os indígenas possam vender e trocar seus produtos, e logo fazerem suas compras para em seguida retornarem para sua comunidade.

O tucupí, figura 50, é retirado da massa da mandioca brava, a qual é deixada coberta de um dia para o outro, logo se retira a goma da tapioca, figura 49, e assim se usa o tucupí para colocar pimenta e a tapioca e ser usado de várias formas para o alimento, que também vai para a venda no comércio da cidade. A tapioca é usada como farinha para ser tomada com açaí, bacaba, café e outros. E a massa ou goma serve para fazer beiju, tapiquinha, tacacá, mingau e outros. A massa da tapioca é um produto muito bem vendido nas cidades de Oiapoque e Saint George.

São vários tipos de pimenta utilizados no preparo do tucupi para venda, mas a mais procurada é a baiahá, figura 52, por ser a mais forte. E o litro do tucupí com pimenta (figura 51), assim como a pimenta, também acompanha o preço da tabela na aldeia.

A pimenta queimosa, faz parte do cardápio dos indígenas e dos não indígenas. Na comida cozida, assada ou de qualquer outro jeito a bendita pimenta tem que estar presente, tanto com tucupí, quanto a própria pimenta fresca, depende de quem vai comê-la. Para os indígenas a pimenta é o principal tempero na comida. Geralmente é plantada na roça, mas algumas pessoas plantam atrás de suas casas, para facilitar a retirada na hora das refeições. A pimenta é vendida por caneco, preço de tabela, pode ser qualquer tipo de pimenta.



Fig.45: mandiocas

Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig. 46: farinha de mandioca.

Fonte: Maria Regiana G. nunes.



Fig. 47: venda de farinha em Oiapoque
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 48: venda de farinha em Saint George
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 49: goma de tapioca.
Fonte: Maria Regiana G. Nunes



Fig. 50: tucupi cru
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 51: tucupi com pimenta engarrafado
Fonte: Maria Regiana G. Nunes.



Fig. 52: pimenta baiaha
Fonte: Maria Regiana G. Nunes

2.9. Atividades diversas

A agricultura é uma atividade muito antiga, é o principal meio de subsistência do povo Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã, sendo o produto mais cultivado a mandioca, da qual se produz a farinha, que é a principal fonte de alimentação. Os indígenas plantam também nas roças outros produtos que são vendidos na Aldeia e para o próprio consumo da família, como o cará, macaxeira, batata doce, cana de açúcar, abacaxi, pimenta e outros. Por mês na aldeia Kumarumã é produzido mais ou menos por cada família de casa, sete a doze ou mais sacas de farinha de 50 a 60 quilos, essas farinhas podem ser vendidas dentro e fora da Aldeia, por preços variados entre 4 a 6 reais. A maior parte delas é transportada para as cidades, as vendas são feitas nas cidades de Saint Georges e Oiapoque. É através da comercialização da farinha de mandioca que a maioria das famílias indígenas se mantêm

economicamente, depois da venda compram os produtos alimentícios, roupas, calçados, móveis, eletrodomésticos e outros produtos que necessitam.

Na Aldeia Kumarumã o transporte é feito por barcos grandes e voadeiras com motor de polpa, o valor da passagem em todos os barcos é de 100,00 R\$, (cem reais) por pessoa, fora o valor do peso dos produtos que são cobrados também, algumas pessoas preferem viajar de voadeira e motor de polpa, por causa do acesso que é mais rápido, mesmo sabendo que o gasto é maior. Os barcos da Aldeia são particulares, os donos pagam ao motorista e ao piloto para trabalharem no barco. O dinheiro do transporte fica para o uso próprio do dono da embarcação.

Os barcos transportam passageiros, como pessoas aposentadas, professores, técnicos de enfermagem, agentes de saúde, que vão receber o seu benefício e seu salário, e principalmente agricultores que vão vender seus produtos e fazer suas compras na cidade.

Além do transporte, os serviços de carpintarias e pedreiros que tem na aldeia são pagos com dinheiro, pelo trabalho feito. E o trabalhador recebe de acordo com o que é combinado. Também tem outros meios de ganhar dinheiro com trabalho em diária, construção de canoas, vendas de remo, de peneiras, zagaias, areia.

Atualmente, o que é mais vendido na aldeia são produtos de venda nos comércios, como produtos alimentícios industrializados, trazidos da cidade. Esses produtos são mais usados em época de inverno (água grande), por causa da enchente, o rio fica muito cheio e dificulta a pesca, assim como a caça que com muita chuva não dá para caçar.

3. TRANSFORMAÇÕES ECONOMICAS

Atualmente a aldeia Kumarumã vem passando por inúmeras transformações socioeconômicas. Essas transformações envolvem principalmente mudanças dos hábitos alimentares (bem de consumo) e culturais, devido ao desenvolvimento da integração econômica da aldeia, novas necessidades e demandas como meios de transportes e comercialização de produtos alimentícios e de outros objetos de uso trazido das cidades para serem vendidos na aldeia. O trabalho assalariado e as aposentadorias são práticas comuns, que geram renda para o complemento das necessidades dos indígenas.

As necessidades surgiram a partir do conhecimento de novidades aos produtos trazidos para dentro da aldeia, foi quando a aldeia começou a crescer e passou a conviver com alimentos, confortos e costumes, adquiridos de outros locais. Estas transformações são decorrentes do contato, conforme afirma Luciano (2006):

Décadas de contato com a sociedade nacional produziram mudanças substanciais e irreversíveis na vida das aldeias e dos índios. Novas necessidades e demandas (bens de consumo, meios de transporte, ferramentas de trabalho etc.) fazem parte da luta diária da maioria das comunidades e, com elas, outras formas de resolver essas recentes ou antigas necessidades ou “atendê-las”. (LUCIANO, 2006. pag. 198)

No caso da aldeia Kumarumã, este contato se intensificou após o surgimento do transporte regular de passageiros e cargas através de embarcações entre a aldeia e a cidade de Oiapoque. Para entender melhor esta dinâmica, foi realizada uma entrevista com ex-cacique Paulo Roberto Silva, que consta na íntegra no Anexo III deste trabalho. Desta, cabe destacar alguns trechos que reforçam o que foi destacado anteriormente, como:

Olha se bem me lembro, foi na década de 80 por aí, quando foi criada uma cooperativa através do padre Nelo, do Frederico. Essa cooperativa trouxe muitos gêneros alimentícios e também máquina de costura, ferramentas, como machado, terçado enxada, isso tudo era na troca. Também abriu a compra e venda de artesanato, daí se expandiu na comunidade e depois essa cooperativa foi a falência. Daí surgiu um barco, facilitando a ida para Oiapoque, foi que as pessoas começaram a trazer mercadoria, porque começaram a se aposentar, e outros levavam seus produtos para vender na cidade de Oiapoque e em Saint George, daí foi mudando, melhorando, tanto que não podemos mais ficar sem energia elétrica também, nesse tempo de agora as pessoas tem mais dinheiro do que antigamente (Paulo Roberto Silva. Entrevista, 2015).

Portanto, a necessidade da comercialização de mercadorias foi decisiva para aumentar os fluxos de mercadorias e pessoas entre a aldeia e a cidade. Inicialmente a comercialização da farinha entre o povo Galibi-Marworno da Aldeia Kumarumã era feita

de trocas. Naquela época, os marreteiros⁶, cassipeiros, iam até a aldeia, faziam trocas de produtos industrializados pela farinha, também trocavam por tucupí com pimenta e tapioca. Na época, os indígenas da aldeia preferiam vender ou trocar seus produtos em Cassiporé⁷, pois a viagem era de canoa a remo e fica mais perto da aldeia. A troca era feita com os comerciantes por mercadorias, como café, açúcar, bolacha, roupas, louças e outros.

Algumas famílias faziam viagem para Saint Georges e Oiapoque, no entanto a viagem durava duas semanas, uma para ir e a outra para o retorno para aldeia. Durante a viagem as pessoas pescavam peixes e salgavam, pegavam também tracajá e jacaré, que serviam para seus próprios alimentos e para a venda durante a viagem. Então eles não compravam comidas industrializadas e levavam também bastante frutas para o consumo durante a viagem e o restante eles vendiam. No tempo dos antigos o que predominava era a troca. Atualmente existi troca, mas é bem pouca. A maior parte dos produtos são vendidos e comprados, somente em dinheiro, nos comércios dentro e fora da aldeia. E hoje em dia com o contato maior, prevalece lei, do mercado, da comercialização.

Com o aumento do comércio de produtos industrializados, os indígenas passaram a ter necessidade em alimentarem-se não só da pesca, caça e frutos retirados na própria aldeia, mas de outros tipos de alimentos como frangos, carnes bovina e suína, mortadela, calabresa, enlatados, salgadinhos, sucos e refrigerantes comprados na cidade e trazidos para o consumo de alimentos e vendas na aldeia.

No campo mais específico das consequências para as relações sociais e econômicas, as mudanças foram inevitavelmente profundas. Talvez a mais importante esteja na própria concepção de vida, ou seja, no ideal de vida indígena. Quando se pergunta a um índio o que espera da vida, a resposta inevitável será “viver bem” e nunca viver mais ou viver melhor. O “viver bem” significa de forma simplificada viver em harmonia com os familiares, os membros da comunidade e com a natureza, o que só é possível com a prática das virtudes de solidariedade, reciprocidade e a partilha de tudo o que por mérito se possa alcançar. (LUCIANO, 2006. pag. 201)

Os indígenas sentem necessidades em obter objetos para conforto de suas casas e seu novo modo de vida, assim tiveram que trabalhar bastante na produção de farinha de mandioca, que é o meio de sustentabilidade principal de toda comunidade, para vendas nas cidades vizinhas, como Oiapoque e em Saint George, utilizando-se da renda obtida para comprar mais produtos industrializados, móveis e vestimentas para uso. Outras formas de

⁶ Marreteiro: quem vende por conta própria.

⁷ Cassiporé: é uma vila. Quem mora no Cassiporé é cacipeiro.

renda almejadadas pelos indígenas são com o trabalho assalariado, como funcionários da educação, saúde, serviços gerais e pessoas que recebem benefícios do governo federal, como aposentados, pensionistas, auxílio doença, auxílio maternidade e bolsa família.

Assim como a farinha, galinhas e patos também são criados e consumidos pelos indígenas, mas ultimamente observa-se que nem todas pessoas criam galinhas e patos. Nesses tempos atuais ao invés de criarem galinha para comer, preferem comprar o frango congelado no comércio. E nem todos podem comer pato, por ser uma comida “remosa”⁸ para algumas doenças, mas ainda é um alimento bem saboreado. Dona conceição disse que os tempos mudaram, já não querem mais ter sua própria criação e assim falou:

Eu lembro que desde o tempo que eu era nova, nós aqui na aldeia gostava de criar muita galinha pra gente comer, principalmente quando a gente tinha bebê, a galinha era uma comida muito fina pra nós. Mas agora as coisas mudaram, as pessoas não querem mais criar galinha para comer, pato então nem se fala, só querem comer frango da cidade, que a gente não sabe como é tratada esses frangos, eu acho que essas comidas da cidade vem com muito remédio. É por isso que a gente adoce com tudo tipo de doença! (Maria Conceição dos Santos. Entrevista, 2015).

Na produção de canoas também houve mudanças, como afirma o ex-cacique Paulo Roberto Silva, com 63 anos, disse:

Nos anos 70, faziam canoas para vender na entrada do rio Oiapoque e em Saint George. Nesse tempo era tudo no pesado, manual mesmo, os jovem aprendiam com seus pai, era bom porque era preciso aprender. Mas hoje essa atividade acalmou, poucas pessoas querem fazer canoas, principalmente quando vem da parte dos jovens, que não sabem e nem se esforçam para aprender, isso é por causa dessa transformação que vem mudando a vida dos indígenas. Mas, muitas vezes recompensa, porque é uma alternativa econômica, um complemento de sobrevivência e fonte de recurso para nós. (Paulo Roberto Silva. Entrevista, 2015)

Antigamente os Galibi Marworno da Aldeia Kumarumã não se preocupavam em cultivar produtos agrícolas com fins lucrativos, produziam somente para sua subsistência familiar. A caça e a pesca completavam a base da alimentação. Não tinham ambição em adquirir bens materiais e viviam em uma vida tranquila. Como disse o ex-cacique Paulo: “antes, a gente não se preocupava com roupas, sapatos, móveis e outras coisas, a gente só precisava da comida, sal e do querosene para acender a lamparina” (Paulo Roberto Silva, 2015).

⁸ Remosa: comida que faz mal para algum tipo de doença.

Depois de algum tempo através do contato com a televisão e com a cidade o povo passou a ter novas visões capitalistas, começaram a se interessar na melhoria de vida em geral.

Atualmente na Aldeia Kumarumã a tecnologia está presente entre os indígenas e a maioria deles já possuem antena parabólica, televisão, colchão, estantes, guarda roupas, fogão a gás, guarda louças, sofás, ventilador, máquina de lavar roupa, fogão a gás, bomba d'água, freezer e outros tipos de eletrodomésticos.

Nesses últimos anos os moradores estão construindo casas de alvenaria e muitas famílias estão comprando motor de polpa e voadeira que facilitam o acesso rápido à roça, pescaria e a cidade de Oiapoque. Os agricultores e produtores de farinha já substituíram alguns materiais que utilizavam tradicionalmente na produção de farinha para materiais industrializados, facilitando mais seu trabalho, como por exemplo: a mandioca era ralada no ralo de mão que foi substituído pelo catitú⁹. Para os jovens e crianças da aldeia Kumarumã isso não é a novidade, mas é muito preocupante.

A indígena Maria Jovelina de 63 anos, moradora da Aldeia Kumarumã, disse:

Antes as pessoas não se preocupavam com bens materiais, nós vivia nesse local onde a alimentação era tirada da natureza, que era pesca, a caça e coleta de frutas, nós não íamos comprar comidas na cidade nem conhecíamos outro tipo de alimento, a gente só viajava de canoa a remo, uma ou duas vezes por ano a gente ia para a cidade de Oiapoque e Saint Georges vender nossos produtos, que era farinha, canoa e peixe salgado, não tinha transporte como hoje tem. Era muito difícil o contato com a cidade, muita das vezes a gente preferia ir ao cassiporé que era mais perto para ir de canoa vender ou trocar nosso produto com mercadoria principal que era mais necessitado na época como sal, açúcar, querosene, fósforo, sabão em barra, a gente compravam mais café em grão porque rendia muito mais, na época nós comprava metros de tecidos, agulha e linha para costurar roupas porque não tínhamos máquina de costurar e não se preocupava em comprar roupa e calçado, só algumas pessoas comprava sandália havaiana, a maioria preferia andar descalço porque a maior parte das pessoas não era acostumado andar de sandália, então comprava aquilo que era mais necessitado. Agente não gastava muito como hoje. Depois de algum tempo mudou muito na parte da economia da Aldeia Kumarumã, eu vejo que hoje muitas famílias gastam muito comprado coisas na cidade como: alimentação, vasilhas, roupas e calçados para seus filhos, trabalham muito porque querem ter tudo em suas casas, também compram colchão, freezer, televisão, fogão a gás e outras coisas que querem, até bomba de puxar água as pessoas já tem. Mas, antes nós não sabia nem o que era isso, é por isso que estão produzido muita farinha e fazendo outras atividades para poder ganhar mais dinheiro e fazer suas compras na cidade e ter uma vida melhor (Maria Jovelina. Entrevistada, 2015).

Mesmo com a chegada da modernização ainda não há internet na aldeia, mas através do que os indígenas assistem na televisão e do contato é que faz com que se

⁹ Catitú: máquina que rala mandioca.

aproximem dos padrões de modernização. Estão aos poucos mudando sua própria cultura e valorizando outra cultura, por isso acabam esquecendo as tradições. Isso faz com que muitos jovens não se interessem em aprender os saberes tradicionais do seu povo, como por exemplo, as histórias antigas, os remédios tradicionais, a dança do turé, os cantos, os trabalhos em mutirões, os artesanatos, a produção da farinha de mandioca, de como preparar um caxixi, fazer um beijú e outros. Entretanto, os pais, professores indígenas e as lideranças da aldeia incentivam muito em casa, na escola e nas reuniões a não deixar de lado a sua origem.

Devido a essas transformações na comunidade, com sérias consequências para os hábitos alimentares, que deixaram os indígenas dependentes dos produtos industrializados, os maiores problemas gerados na vida dos indígenas ocorre quanto à saúde. Já que as mudanças nos hábitos alimentares, através da incorporação de produtos industrializados na dieta dos indígenas, aumentaram significativamente os casos de doenças como diabete, hipertensão, câncer e obesidade.

A diabete já atingiu muitas pessoas, tanto homens como mulheres, inclusive uma jovem que faleceu aos 16 anos. Sem contar que de vez em quando aumenta o número de pessoas que sofrem de pressão alta (hipertensão) e passam a tomar remédios para controlar. A obesidade é outro problema que vem aumentando cada vez mais na aldeia Kumarumã, devido à alimentação industrializada, principalmente os refrigerantes, sucos artificiais, biscoitos, bombons, frangos congelados, enlatados, mortadelas, calabresas, salgadinhos e outros. Nesse caso a obesidade atingiu também as crianças, que passam a comer da maneira que sua família permite e acabam obesos e adquirem outros tipos de doenças. Entretanto, as pessoas que são mais atingidas ainda são os adultos, sendo a maioria mulheres.

Segundo a enfermeira Elenice Pereira Viegas, que trabalha na saúde indígena há 10 anos: “A saúde dos indígenas está comprometida devido à alimentação sem controle. Apesar de ter sido feito palestras e explicado para muitas pessoas sobre a alimentação, ainda continuam alimentando-se de forma inadequada”.

A mesma acredita que será muito difícil para os indígenas manterem sua alimentação sobre controle por causa do costume alimentar, sendo que as crianças já estão muito acostumadas com alimentos industrializados.

A mesma comentou ainda sobre um tipo de carne industrializada que é trazida da cidade para a aldeia, que todas as famílias consomem, que é o charque. O charque é um

produto que tem muito sal, e isso faz muito mal para a saúde. Segundo ela, não só o charque, mas os outros produtos que vem da cidade e que são industrializados, como: salgados, refrigerantes, bombons, biscoitos, calabresa, mortadela, enlatados, são alimentos que contém muitos conservantes e outros tipos de produtos químicos que causam doenças.

Segundo dados fornecidos pela Enfermeira, na aldeia Kumarumã já temos 46 casos confirmados de hipertensão entre homens e mulheres a partir dos 25 anos, mas a maioria são mulheres, e tomam medicamento para controlar a pressão. Já a diabete possui 21 casos confirmados na comunidade de Kumarumã, onde também já estão sendo acompanhados sobre medicamentos. Que no passado não havia relato dessas doenças.

Há também 10 casos confirmados de indígenas que são hipertensos e diabéticos, que recebem dois tipos de medicamentos. Esses indígenas recebem orientação de como devem controlar sua alimentação com mais cuidado.

Segundo a Enfermeira Elenice Pereira Veigas, há também pessoas obesas por causa da alimentação descontrolada, causada principalmente pelo consumo de alimentação industrializada que vem para a comunidade de Kumarumã. O pirarucu salgado também é um alimento que não pode ser consumido por pessoas que são hipertensas.

Na escola da aldeia, na merenda diária, a maioria dos alimentos são industrializado, como: suco, biscoitos, mingau, mortadela, calabresa, ovos, refrigerantes, charques, frangos, enlatados, feijão, macarronada, etc. Com a alimentação escolar industrializada na escola aumenta a probabilidade das crianças a adquirir algum tipo de doença.

No passado os indígenas alimentavam-se somente de alimentos da própria região, como a pesca, caça, frutas, que são alimentos naturais e saudáveis. Isso ajudava a manter a saúde dos indígenas. Essas doenças que nos tempos atuais atingem a saúde das pessoas devido a alimentação, no passado não tinha por causa do costume de alimentarem-se e a dificuldade de chegar até a cidade. Depois que facilitou o meio de transporte, as pessoas passaram a viajar com mais frequência para as cidades, levando sua farinha para a venda e logo passando a comprar seus alimentos industrializados.

Há mudanças significativas também na educação. Na aldeia tem duas escolas uma é municipal a outra é estadual. A escola municipal de Kumarumã tem aproximadamente duzentos alunos de educação infantil e a escola estadual atende a maior parte dos alunos de ensino fundamental até o ensino médio. Os professores de 1ª à 4ª são indígenas e de 5ª à 8ª também são indígenas, somente os professores do ensino médio são na maioria não indígenas, apenas dois são indígenas. Os professores indígenas recebem um ensino

bilíngue e todos falam a língua materna Kheuól, entre os alunos, alguns já falam o português tanto na escola como em casa e a maioria aprendem a falar o português na escola.

Mas nos tempos atuais as famílias valorizam muito o ensino aprendizagem escolar, na esperança de ter oportunidades, estão se interessando cada vez mais pelo estudo com objetivo de viver um futuro melhor, de conhecer e valorizar a sua própria cultura na expectativa de defender o direito do seu povo, com esperança de ocupar seu espaço na sociedade.

Na área da saúde hoje na Aldeia tem também um posto de saúde onde alguns técnicos de enfermagem indígenas atendem os pacientes diariamente, entretanto a falta de medicamentos é o maior problema que esse povo enfrenta no seu dia-dia. Muitas das vezes quando o problema de saúde do paciente é mais sério, técnicos encaminham os pacientes até à cidade de Oiapoque através de voadeira.

Há também uma central de telecomunicação da OI, instalada na aldeia, mas só alguns telefones públicos funcionam.

A organização da comunidade é de suma importância para a vida das pessoas dentro e fora da aldeia. Nos trabalhos comunitários as responsabilidades são das lideranças como: cacique e conselheiros, eles reúnem a comunidade para participar de reuniões, limpeza na aldeia, fiscalização da reserva, limpeza do rio e outras atividades de interesse da comunidade.

Mas, apesar de vários problemas que esse povo enfrentou e está enfrentando ainda, algumas famílias ainda mantem a sua cultura no modo tradicional e possui uma economia principalmente a base da agricultura, ou seja, produção da farinha de mandioca e frutas. A retirada de madeiras, caças e pescas, não podem ser vendidas fora da aldeia, são comercializados apenas dentro da comunidade, preservando o meio ambiente e a sustentabilidade da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado, a Aldeia Kumarumã passou por inúmeras transformações em sua dinâmica econômica. Entretanto, este trabalho revela a manutenção das atividades essenciais ao bem estar e qualidade de vida deste povo, já que grande parte da produção de alimentos continua sendo feita pela própria comunidade. Cabe aqui demonstrar a preocupação com a introdução dos alimentos industrializados no cotidiano alimentar, que vem produzindo diversos problemas de saúde na população.

Tivemos o interesse em aprofundar o conhecimento sobre a dinâmica econômica do povo Galibi-Marworno, na Aldeia Kumarumã, porque somos indígenas e moradoras da aldeia, também participamos das atividades econômicas na aldeia. Assim tivemos o interesse de pesquisar e registrar a dinâmica econômica do nosso povo. Para que possamos ter e repassar para outras gerações futuras.

Como o número de indígenas da Aldeia Kumarumã aumentou, e os fluxos econômicos se intensificaram, houve muitas modificações com as transformações que acontecem a cada tempo na vida desse povo. Estas transformações trouxeram grandes benefícios e melhorias, como escola, empregos para professores, técnicos de enfermagem, serventes, merendeiras, auxílios de programas sociais, aposentados, agricultores, que aumentaram a quantidade de produção de farinha, e pessoas que trabalham por conta própria, mas, também trouxe problemas para a saúde, modo de vida, costume e convivência dos indígenas.

Portanto, foi de grande importância analisar a dinâmica econômica da Aldeia Kumarumã, compreendendo suas transformações e consequências. Essa é a realidade da vida desse povo que está procurando expandir seu modo de sobrevivência e a possibilidade de continuar mantendo a sua identificação étnica. Mesmo, diante das transformações em suas moradias, modo de vestir, atividades econômicas e de lazer, esse povo continua a viver com grande parte de suas tradições e identidade. Desta forma, torna-se necessário compreender todo este processo e fazer com que estes registros possam servir para pesquisas de alunos e outros pesquisadores que queiram saber mais sobre o nosso povo Galibi Marworno.

Acreditamos que a história do povo Galibi Marworno da Aldeia Kumarumã possa permanecer viva no dia a dia desse povo, mesmo passando por transformações, e que estas

transformações são consequência de contatos culturais, que não destruirão a identidade deste povo.

É a partir destas considerações, que sugerimos a realização de palestras, eventos científicos, atividades culturais, reformulação dos currículos escolares, capacitação de professores, entre outras ações para revitalizar e valorizar a cultura e modo de vida desse povo. Estas propostas servem para dar significado a este trabalho e para que o modo de vida do povo Galibi Marworno não seja desvalorizado, para que possamos continuar a viver com qualidade, mesmo com as transformações, mas de acordo com a nossa realidade e tradição, sempre respeitando o modo de vida de cada povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APIO, Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque. **Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque**. Oiapoque: APIO, 2009.

CIMI, Conselho Indigenista Missionário. **Currículo de ensino fundamental nas escolas indígenas**. Oiapoque: CIMI, 2006.

GALLOIS, D. T; GRUPIONI, D.F; **Povos Indígenas no Amapá e Norte do Pará: Quem são, Onde estão, Como vivem e o que pensam?** São Paulo: IEPÉ, 2003.

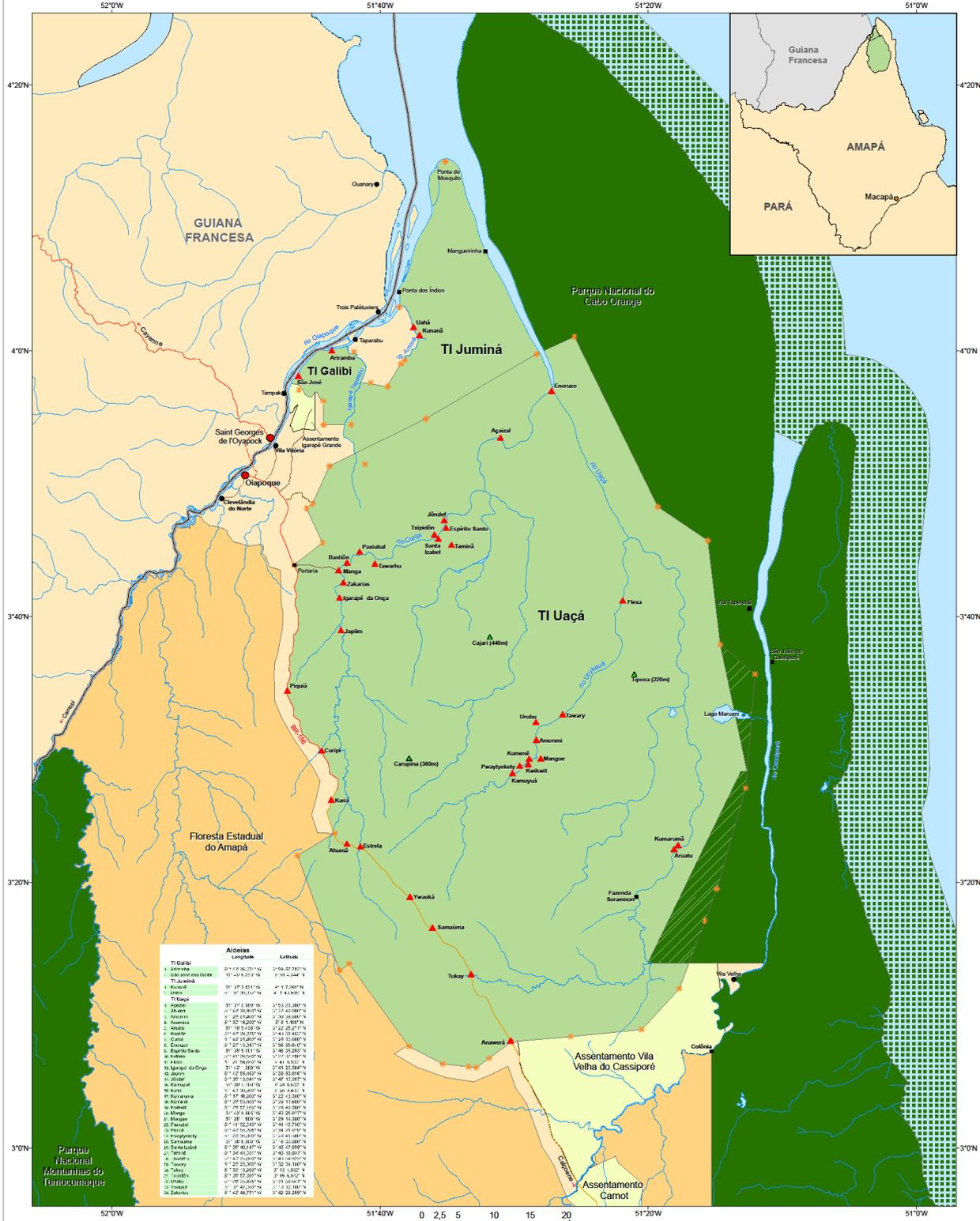
LUCIANO, Gersem dos Santos - Baniwa. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília: MEC; SECADI; UNESCO; LACED/Museu Nacional, 2006.

RICARDO, Carlos Augusto. **Povos Indígenas no Brasil 3: Amapá/Norte do Pará**. São Paulo: CEDI 1983.

VIDAL, Lux. **Povos Indígenas do baixo Oiapoque: O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver**. 3 ed. Rio de Janeiro: Museu do índio e IEPÉ, 2009.

ANEXO I: MAPA DAS TERRAS INDÍGENAS GALIBI, JUMINÃ E UAÇÁ

TERRAS INDÍGENAS GALIBI, JUMINÁ E UAÇÁ



Aldeias		
	Longitude	Latitude
TI Galibi	51° 47' 36,2271" W	3° 46' 42,7827" N
000 000 000 000 000	51° 47' 36,2271" W	3° 46' 42,7827" N
TI Juminá	51° 47' 36,2271" W	3° 46' 42,7827" N
1. Juminá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
2. Juminá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
TI Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
3. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
4. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
5. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
6. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
7. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
8. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
9. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
10. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
11. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
12. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
13. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
14. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
15. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
16. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
17. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
18. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
19. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
20. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
21. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
22. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
23. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
24. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
25. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
26. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
27. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
28. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
29. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
30. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
31. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
32. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
33. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
34. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
35. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
36. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
37. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
38. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
39. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N
40. Uaçá	51° 37' 3,8114" W	3° 41' 2,7657" N

■ Referência — Fronteiras internacionais ■ Assentamentos
▲ Montanha — Hidrografia ■ Zona Marítima do Parque Nacional do Cabo Orange
● Vila — Estrada asfaltada ■ Sobreposição TI Uaçá e Parque Nacional Cabo Orange
✱ Marco demarcatório — Estrada de terra ■ Unidades de Conservação
▲ Aldeia — ramal ■ Proteção Integral
— ramal de serviço — ramal de serviço ■ Uso Sustentável

Realização: **lepé** Apoio: **RAINFORREST FOUNDATION NORUEGA**, **The Nature Conservancy**, **ICMbio MMA**
 Sistema de Coordenadas Geográficas Datum WGS 84 Fontes: IBGE, FUNAI, ICMbio, TNC, IEPA, SIVAM, ASTER, SRTM NASA 22/Fevereiro/2010

ANEXO II – TABELA DE PREÇOS DA COMUNIDADE KUMARUMÃ

01- CAÇAS DE PRIMEIRA	FRESCA Kg	SALGADO Kg	OBSERVAÇÕES
TATU	R\$ 6,00	R\$ 6,50	
PACA	R\$ 6,00	R\$ 6,50	
CUTIA	R\$ 6,00	R\$ 6,50	
VEADO	R\$ 6,00	R\$ 6,50	
CATITU	R\$ 6,00	R\$ 6,50	
QUEIXADA	R\$ 6,00	R\$ 6,50	

02-CAÇAS DE SEGUNDA	FRESCA Kg	SALGADO Kg	OBSERVAÇÕES
ANTA	R\$ 5,00	R\$ 5,50	
TAMANDUÁ	R\$ 3,00	R\$ 5,50	
GUARIBA	R\$ 5,00	R\$ 5,50	
MACACO	R\$ 5,00	R\$ 5,50	
CUAMBA	R\$ 5,00	R\$ 5,50	
CAPIVARA	R\$ 3,50	R\$ 4,00	

03-PÁSSARO NATIVO	GRANDE	MEDIO	PEQUENO	OBSERVAÇÕES
PATO	R\$ 20,00	R\$ 15,00	R\$ 10,00	
MUTUM	R\$ 20,00			
JABURU	R\$ 10,00			
CAUAUÁ	R\$ 15,00			
MAGUARI	R\$ 12,00			
CARARÁ	R\$ 10,00			
INAMBÚ	R\$ 10,00			
JACAMI	R\$ 5,00			
MARRECA	R\$ 5,00			
JACUPÉU	R\$ 10,00			
GARÇA	R\$ 5,00			

04-PÁSSARO CASEIRO	GRANDE	MEDIO	PEQUENO	OBSERVAÇÕES
PATO	R\$ 20,00	R\$ 15,00	R\$ 10,00	
GALINHA	R\$ 15,00	R\$ 12,00	R\$ 10,00	

05-PEIXES DE PRIMEIRA	FRESCO Kg	SALGADO Kg	OBSERVAÇÕES
TUCUNARÉ	R\$ 4,00	R\$ 4,50	
SURUBIM	R\$ 4,00	R\$ 4,50	
PESCADA	R\$ 4,00	R\$ 4,50	
TRAIRA-AÇÚ	R\$ 4,00	R\$ 4,50	
ARUANÃ	R\$ 4,00	R\$ 4,50	

PIRARUCÚ	R\$ 4,00	R\$ 4,50	
----------	----------	----------	--

06-PEIXES DIVERSOS	FRESCO Kg	SALGADO Kg	OBSERVAÇÕES
PIRANHA	R\$ 3,50	R\$ 4,50	
CARÁ	R\$ 3,50	R\$ 4,50	
DANCHÊN	R\$ 3,50	R\$ 4,50	
TRAIRA PONGÓ	R\$ 3,50	R\$ 4,50	
JIJU	R\$ 3,50	R\$ 4,50	
ARACÚ	R\$ 3,50	R\$ 4,50	
E OUTROS	R\$ 3,50	R\$ 4,50	

07-JACARÉ	Kg	SALGADO	OBSERVAÇÕES
TINGA	R\$ 4,00		
COROA	R\$ 4,00	4,50	
ONDA TERÊ-TERÊ	R\$ 4,00		
AÇÚ	R\$ 2,00		

08-TRACAJÁ	GRANDE	MEDIO	PEQUENO	OBSERVAÇÕES
CABECINHA	R\$20,00	R\$ 15,00	R\$ 10,00	

09-TRACAJÁ	GRANDE	MEDIO	PEQUENO	OBSERVAÇÕES
CABEÇUDO	R\$ 15,00	R\$ 12,00	R\$ 10,00	

10-TRACAJÁ	GRANDE	MEDIO	PEQUENO	OBSERVAÇÕES
MATAMATÁ	R\$ 15,00	R\$ 12,00	R\$ 5,00	

11-JABUTI	GRANDE	MEDIO	PEQUENO	OBSERVAÇÕES
CARUMBÉ	R\$ 15,00	R\$ 12,00	R\$ 10,00	

12-FRUTAS CASEIRAS	UNIDADES	CENTO	OBSERVAÇÕES	
LARANJA	R\$ 0,25	R\$ 25,00		
LIMÃO	R\$ 0,15	R\$ 15,00		
TANJERINA	R\$ 0,20	R\$ 20,00		
	GRANDE	MEDIO	PEQUENO	OBSERVAÇÕES
ABACAXI	R\$ 5,00	R\$ 3,00	R\$ 2,00	
CUPUAÇU	R\$ 2,00	R\$ 1,00	R\$ 0,50	
INGÁ	R\$ 1,00	R\$ 1,00	R\$ 0,50	
CUIA	R\$ 8,00	R\$ 5,00	R\$ 3,00	
CUIA VERDE	R\$ 3,00	R\$ 2,00	R\$ 1,00	
CACHO DE BANANA BRANCA	R\$ 8,00	R\$ 5,00	R\$ 4,00	

CACHO DE BANANA AMAPÁ	R\$ 15,00	R\$ 12,00	R\$ 10,00	
-----------------------	-----------	-----------	-----------	--

	DUZIA	OBSERVAÇÕES
BANANA GRANDE		R\$ 1,00/ 0,50 UN
BANANA BRANCA	R\$ 3,00 / R\$ 2,00/ R\$ 1,50	
BANANA AMAPÁ	R\$ 4,00/ R\$ 2,50/ R\$ 2,00	
BANANA PRATA	R\$ 3,00/ R\$ 2,00/ R\$ 1,50	
BANANA VIOLETA	R\$ 3,00/ R\$ 2,00/ R\$ 1,50	

	SECO	VERDE	OBSERVAÇÕES
COCÔ	R\$ 3,00	R\$ 2,00	

	UNIDADES	OBSERVAÇÕES
MARACUJÁ	R\$ 0,10	
JAMBO	R\$ 0,15	
MANGA	R\$ 0,20	

	LITRO	VERDE CANECO	OBSERVAÇÕES
PIMENTA/ LITRO	R\$ 5,00	R\$ 2,00	
TINTA CUMATE	R\$ 5,00		

	Kg	OBSERVAÇÕES
ABACATE	R\$ 3,00	
PUPUNHA	R\$ 3,00	

13- FRUTAS DE SELVA	LATA	LITRO GROSSO/FINO	OBSERVAÇÕES
AÇAÍ	R\$ 10,00/15,00	R\$ 5,00/R\$ 4,00	
BACABA	R\$ 10,00/15,00	R\$ 5,00/R\$ 4,00	
	CANECO	OBSERVAÇÕES	
INAJÁ	R\$ 1,00		
CAMAPU	R\$ 1,50		
TAPEREBÁ	R\$ 1,00		
TUCUMÃ	R\$ 0,10	UNIDADE	

CANA DE AÇUCAR	METRO R\$ 0,50	
----------------	----------------	--

	Kg	OBSERVAÇÕES
CARÁ	R\$ 3,00	
BATATA	R\$ 3,00	
MACAXEIRA	R\$ 3,00	
DAXINA	R\$ 3,00	
GENGIBRE	R\$ 3,00	

14- ABICULTURA	LITRO/COLHER	OBSERVAÇÕES
MEL DE ABELHA	R\$ 25,00/R\$ 2,50	
ÓLEO DE ANDIROBA	R\$ 25,00/ R\$ 2,00	
ÓLEO DE TUCUMÃ	R\$ 30,00/ R\$ 5,00	

15- TABUAS DE MADEIRA DE LEI	DUZIA	OBSERVAÇÕES
TATAJUBA	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
IAIÁ	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
CEDRO	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
CUPIUBA	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
ANGELIM	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
ACAPÚ	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
SUCUPIRA	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
ANDIROBA JARUBA	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
SAPOCAIA	3m R\$ 60,00, 4m R\$ 65,00	
CUARUBA	3m R\$ 45,00, 4m R\$ 50,00	
MARUPÁ	3m R\$ 45,00, 4m R\$ 50,00	
MANDIOQUERA	3m R\$ 45,00, 4m R\$ 50,00	
ANANIN	3m R\$ 45,00, 4m R\$ 50,00	

16- FALCA	METRO / PAR	OBSERVAÇÕES
LOURO	5m R\$ 35,00	
LOURO	6m R\$ 55,00	
LOURO	7m R\$ 75,00	
LOURO	8m R\$ 95,00	
LOURO	9m R\$ 115,00	
LOURO	10m R\$ 135,00	
LOURO	11m R\$ 155,00	
LOURO	12m R\$ 175,00	

17-CANOA OBÁ BRUTA	METRO	OBSERVAÇÕES
CANOA BRUTA	5m R\$ 50,00	
CANOA BRUTA	6m R\$ 50,00	
CANOA BRUTA	7m R\$ 50,00	
CANOA BRUTA	8m R\$ 50,00	
CANOA BRUTA	9m R\$ 50,00	
CANOA BRUTA	10m R\$ 50,00	
CANOA BRUTA	11m R\$ 50,00	
CANOA BRUTA	12m R\$ 50,00	

18- ESTEIO	METRO	OBSERVAÇÕES
CUARICUARI	10x10 R\$ 8,00/12x12R\$ 10,00/15x15 R\$ 15,00	
JARANA	10x10 R\$ 6,00/12x12R\$ 7,00/15x15 R\$ 8,00	
APÁ	10x10 R\$ 6,00/12x12R\$ 7,00/15x15 R\$ 8,00	

19- MADEIRA	METRO	OBSERVAÇÕES
FLEXAL	4x10 R\$ 3,50	
MINI-FLEXAL	R\$ 3,00	
PERNAMANCA	DZ 3m R\$ 45,00/ 4m. R\$ 50,00	
PEÇA	R\$ 6,00	
CAIBRO (roliça)	R\$ 1,50	
FOLHA DE INAJÁ (cento)	R\$ 90,00	

20- DIÁRIAS	OBSERVAÇÕES
BRASAL NA COMUNIDADE	R\$ 30,00
PEDREIRO	R\$ 40,00
CARPINTEIRO	R\$ 40,00
AJUDANTE	R\$ 30,00
NO MATO COM MACHADO	R\$ 40,00 e 30,00
CAPINA DE ROÇA HOMEM E MULHER	R\$ 35,00

21- ARMAÇÃO DE UMA CASA COBERTA	OBSERVAÇÕES
A METRAGEM P/COMP. R\$ 65,00 ATÉ 6 m DE LARGURA	
22- AREIA (metro) R\$ 90,00	
23- PEDRA (metro) R\$ 80,00	
24- REMO G:R\$ 15,00/M: R\$ 10,00/P: R\$ 8,00	
25-VASSOURA DE CIPÓ R\$ 10,00	
26- PENEIRA G: R\$40,00 M. R\$ 30,00	

27- ANIMAIS DOMÉSTICO:	Kg	OBSERVAÇÕES
BOI COMUM SÓ CARNE	R\$ 8,00	
CARNE COM OSSO	R\$ 6,00	
PORCO CASEIRO	R\$ 7,00	
BÚFALO SÓ CARNE	R\$ 7,00	
CARNE COM OSSO	R\$ 5,00	
CANOA BRUTA	PRONTA	OBSERVAÇÕES
2 BRAÇAS E MEIA R\$ 100,00	R\$ 200,00	
3 BRAÇAS E MEIA R\$ 150,00	R\$ 300,00	
4 BRAÇAS E MEIA R\$ 200,00	R\$ 400,00	

ANEXO III: ENTREVISTA COM PAULO ROBERTO SILVA

No dia 26 de outubro de 2015 entrevistei o ex cacique Paulo Roberto Silva de 63 anos de idade. Galibi Marworno, da Aldeia Kumarumã, sobre a dinâmica e atividade econômica no tempo passado e no tempo atual da aldeia.

O senhor Paulo Silva, foi uma liderança muito conhecida na sociedade e na política, também participou muito do movimento indígena. Foram 32 anos de liderança dentro da aldeia Kumarumã.

As perguntas foram:

● **COMO ERA A ECONOMIA NA ÉPOCA QUE VOCÊ ERA JOVEM, ERA BOM, QUAIS AS DIFICULDADES QUE TINHA?**

— A economia sempre foi estagnada pelo comércio por ser a questão só da farinha. A atividade era e é somente na agricultura. Nós nunca tivemos outros tipos de plantação na agricultura, sempre a nossa maior atividade econômica esteve na farinha de mandioca. Depois de muito tempo a farinha permanece até hoje.

— Naquele tempo, nós passamos a trabalhar na construção de pequenos transportes como: canoas, ôbás, batelão. Isso começou nos anos 70. Quando a gente ia para a cidade, nós vendíamos na entrada do Oiapoque e do lado francês, que depois de um tempo essa atividade morreu um pouco. Mas nessa época era bom porque os todos jovens daquele tempo aprendiam, também muitos aprenderam a trabalhar na carpintaria, mas com o passar do tempo pararam por causa que a mão de obra ficou muito barato e foi quando as pessoas pararam.

— Hoje são poucas pessoas que fabricam porque a juventude não sabe, por causa dessa mudança muito forte e na época passada a gente trabalhava muito no manual, no pesado mesmo. Mas muitas vezes recompensava, porque era uma alternativa econômica, um complemento de sobrevivência e fonte de recurso para nós.

— Trabalhei muito na roça, sempre foi agricultor, só que eu e minha família fazíamos roças grandes todo ano e como eu era liderança, não ficava direto para o trabalho de roça, e assim não dependia de venda, a farinha era só para comer com a família, e as outras pessoas dependiam mesmo era da venda de farinha, porque o trabalho de fazer farinha envolve toda família.

— As nossas roças eram grande, mas nunca se estragavam, as pessoas diziam que eu fazia roça só para estragar. Eu dizia não, porque as cutias comiam, porco, agente dava para os outros e assim não se estragava. Nessas roças agente plantava abacaxi, cana de açúcar, e quando não íamos buscar os animais aproveitavam.

— Tenho uma lembrança do meu pai que ele dizia quando já estava morrendo. — meu filho nunca deixa de trabalhar na roça, olha tu sabe como eu te criei, sempre na roça, nunca esquece isso, todo ano faz tua roça, planta, colhe, aproveita, mesmo que tu faça comércio, ou tenha emprego, sempre trabalha com teus filhos porque isso é importante para nós. E parte da nossa convivência.

● **A SOCIEDADE MUDOU O POVO INDÍGENA E O QUE TROUXE DE BENEFÍCIO?**

— agente não percebe essa mudança porque estamos todos envolvidos, e com relação a agricultura, mudou porque as pessoas não trabalham mais como antes, as pessoas não derrubam com machado, é só com moto serra, que é mais fácil e rápido. Antes a gente

trabalhava em mutirão, mas com essa mudança, ficamos mais individualista, pela forma de derrubar uma roça, sendo que com o motor serra é muito mais rápido para a comunidade. É só pagar uma diária e pronto.

Outra mudança que ocorreu foi por causa das pessoas que se aposentaram, os que passaram a ser funcionários, passaram a comprar motor, voadeiras e não querem ir para a roça de canoa, só querem ir de motor, quando não tem gasolina acabam não indo. Outros só vão para Oiapoque de voadeira. Também tem barcos que facilita a viagem para a cidade. Porque antes a gente ia de canoa, ôbá, passava uma semana para chegar lá. É como eu disse, quase não percebemos porque estamos tão envolvidos nessa transformação, que nem percebemos quando mudamos.

— Agora as pessoas tem motor de luz e várias coisas, mas antes não tínhamos nada disso. Antigamente nós indígenas não tínhamos preocupação com contas, roupas e outras coisas, só precisávamos do sal, e do querosene que era para acender que o resto já estava tudo dentro pra nós.

— Essa mudança trouxe muitas melhoria como a escola, que tem professores indígena, os técnicos, aposentados, a comunidade que tem energia elétrica, programas de governo como bolsas, então há renda para muitos, que alguns tem uma boa casa de alvenaria, com bons moveis, só tomam água gelada e antigamente era água fria, natural. A condição financeira aumentou, ficou diferente de muitos anos atrás, que as casas eram cobertas e cercadas de palha.

● **SOBRE A COMERCIALIZAÇÃO, COMO ERA NO TEMPO DE SUA JUVENTUDE?**

— Nesse tempo não tinha comercio na aldeia, as pessoas se alimentavam só de comida natural, mas trocavam o peixe com farinha ou tapioca. Nesse tempo era muito farto de comida no rio, no mato, quase sempre era dado o peixe a caça, o jacaré por exemplo não era vendido, agora a farinha era trocada com objetos que outras pessoas traziam de fora, como café, açúcar e outras pequenas coisas. — Não tinha café como hoje nós temos, a gente tomava de manhã mais era mingau de tapioca, mingau de cará, mingau de farinha, mingau de banana, as vezes agente comia cedo e o principal café para nós naquele tempo era o tacacá. Tinha café mas era muito pouco, o nosso costume não era de tomar café de manhã e nem de vez em quando, só as vezes e olhe lá.

— Tem mais como não tinha comercio agente fazia troca, até hoje ainda fazemos trocas, mas nós temos uma tabela com preços de cada coisa. Quando vem pessoas vender peixe de fora da nossa área agente troca dois quilo de farinha por um quilo de peixe.

● **EM QUE TEMPO COMEÇOU A VENDA DE PRODUTOS EM COMERCIO NA ALDEIA KUMARUMÃ?**

— Olha se bem me lembro, foi na década de 80 por aí, quando foi criada uma cooperativa através do padre Nelo, do Frederico. Essa cooperativa trouxe muitos gênero alimentícios e também máquina de costura, ferramentas, como machado, terçado enxada, isso tudo era na troca. Também abriu a compra e venda de artesanato, daí se expandiu na comunidade e depois essa cooperativa foi a falência. Daí surgiu um barco, facilitando a ida para Oiapoque, foi que as pessoas começaram a trazer mercadoria, porque começaram a se aposentar, e outros levavam seus produtos para vender na cidade de Oiapoque e em Sant George, daí foi mudando, melhorando, tanto que não

podemos mais ficar sem energia elétrica também, nesse tempo de agora as pessoas tem mais dinheiro do que antigamente.

● **HOUVE MUITO AVANÇO NA ALDEIA?**

— A economia da comunidade não avançou, mas passou por uma mudança, que muitas pessoas estão comprando e devendo na cidade por que hoje para ter suas coisas precisam comprar no dinheiro. Todos precisam do dinheiro, mas muitos que não tem emprego, produzem farinha para vender do lado francês por dar mais dinheiro, assim eles tem mais lucro, e compram seu objetos para pagar parcelado.

— Muitas pessoas aqui na aldeia tem objetos, mas não são funcionários, só trabalham com a farinha, tem casa boas, lajotadas, cobertas com telhas de brasilite. Mas tem aqueles que não tem nada porque não querem trabalhar, outros trabalham mas gastam tudo, não pensam no dia de amanhã, querem saber do hoje, enquanto outros trabalham para economizar e pensam nos dias que vem, são pessoas que se preocupam com o futuro dos seus filhos.

— Tem pessoa que fala que o índio é preguiçoso, que é só a mulher trabalha, muitas coisas faz parte da nossa cultura, isso já vem mudando também, e porque as pessoas não entendem que certas trabalhos são feitos somente por mulheres e outros são feitos por homens. Mas para explicar melhor todo mundo se vira do seu jeito para viver. As veze é preciso fazer economia para juntar dinheiro, pensando em melhorar de vida. Enquanto outros gastam tudo que conseguem, acabam ficando sem nada, trabalham só para comer e beber.

● **VOCÊ QUE JÁ TEVE BARCO, ACHA QUE QUEM TEM GANHA UM BOM LUCRO?**

— Não, barco não dar muito lucro, é mais para atender a necessidade da comunidade, porque é muito gasto. Tem gasto com óleo diesel, tem que pagar o piloto e o motorista, quando dar problema no motor é preciso pagar o mecânico, e quando o problema é no barco mesmo, tem que chamar o carpinteiro. É tanto gasto que acaba sendo pouco o lucro para o dono do barco. Mesmo que a passagem seja de cem reais e o barco saia com quarenta ou cinquenta passageiro, o lucro vem ser pouco mesmo. É como eu disse, é mais para atender à necessidade das pessoas. Tem mais barco grande tem que sair com bastante passageiro, é por isso que custa sair, mas quando é pequeno, é menos óleo, dar até para sai com vinte ou trinta passageiros, mas de qualquer forma tem gasto de conserto.

● **COM ESSAS MUDANÇAS, O QUE VOCÊ ACHA QUE AINDA VAI MUDAR?**

— Com relação a mudança, as pessoas estão mudando seus comportamentos, o trabalho das pessoas, principalmente os jovens na escola, depois da escola não tem nada para fazerem, e até que mais tarde esses jovens não vão querer fazer mais farinha, porque são jovens e não querem trabalhar na roça, outros não querem pescar ou caçar, isso me deixa muito triste e com preocupação por não trabalharem ficam em casa sem se preocuparem com serviço. Outra coisa são os jovens que vão para Oiapoque estudar, a gente sabe que é bom, mas essa mudança incentiva muito no comportamento desses jovens, dar para ver que uns querem mesmo se formar em alguma coisa, mas outros não estudam, aí vem a preocupação. Mas eu fico muito contente de ver que tem pessoas que já são acadêmicos, outros são professores, ou técnicos de enfermagem, tem uns que estão já formados

como pedagogo, então isso é muito bom para nós indígenas, é muito importante essas oportunidades que estamos tendo. Hoje nós dependemos da questão social, política, saúde, desenvolvimento, já temos bastante eletrodomésticos, queremos água tratada, transporte bom para viagem, energia, uma boa casa, telefone para comunicação, enfim precisamos da tecnologia, agora não podemos retroagir daqui é para frente, o estudo também avançou, uns querem fazer direito, outros querem ser médicos e assim por diante. O caminho é a escola para nós indígena podermos falar com os outros de igual para igual e adquirir conhecimento e conhecer os nossos direitos, não é dizer que o Brasil trabalha em cima da minoria, mas nós indígenas temos que nos preparar para enfrentar as dificuldades. E isso só podemos enfrentar quando temos uma boa formação. Nos dias de hoje a solução é estudar.

● VOCÊ ACHA QUE NESTA COMUNIDADE TEM FINS LUCRATIVOS?

— Não é que entra muito dinheiro, geralmente as pessoas deixam tudo no Oiapoque, agora aqui na comunidade já tem pequenos comércios, que muita gente compra fiado para pagar depois, como comida, frango, enlatados e outros, assim nesses pequenos comércios entra dinheiro, mas a maioria é de fiado. Também tem outros gastos como energia, e outras coisas, então tem um dinheiro que rola aqui dentro mesmo, mas são pequenos gastos. Mesmo que as pessoas vão para Oiapoque vender seus produtos, compram o que querem, ainda retornam com dinheiro para pagar contas e assumir seus compromissos que tem aqui na comunidade. Isso quer dizer que tem um dinheiro que fica rondando aqui dentro mesmo que sai mas volta. Tenho 32 anos de liderança, penso que me aposentei, já estou velho cansado, com 63 anos, tenho um problema no coração, então, deixo para outros, mais jovem. Já trabalhei muito em prol desta comunidade.

● DURANTE TODO ESSE TEMPO DE LIDERANÇA, COMO VOCÊ VÊ TUDO ISSO AGORA?

— Hoje o que eu acho, inclusive há dois meses atrás pensei muito, como os médicos descobriram que adoeci de problemas cardíacos, diabete, sou hipertenso e os médicos, falaram para eu largar esse trabalho. Disseram para mim que já trabalhei muito pela minha comunidade, pelo povo indígena, e já estava na hora de deixar tudo e cuidar da minha saúde, porque eu já estava me prejudicando. Aí fiquei pensando e descobri por mim mesmo, que não percebi quando fiquei velho, porque quando eu era jovem de 18 a 30 anos eu trabalhava muito, eu era saudável. E depois dos meus 30 a 50 anos, não vi o tempo passar, porque eu viajava muito para participar de reuniões, vivia preocupado com o nosso povo e com a comunidade, com a educação, com a saúde, com a preservação, a fiscalização e outras coisas que se referia a questão do nosso povo. Nesse tempo muitas comunidades dependiam de mim para ajudar em resolver questões e até mesmo para dar uma palavra, participar de muitos seminários, assembleias, ia no meio de muitos indígenas para muitas cidades, como Brasília, Manaus e quando eu vim perceber, eu já estava assim velho e doente, tive que seguir o conselho do médico pra eu poder parar e não mais fazer coisas pesadas, então parei, agora não sou mais cacique.

● O QUE VOCE DIRIA PARA A JUVENTUDE DE HOJE?

— Eu diria para os jovens, que hoje 2015, que a agricultura tem que continuar, estudem, obedeçam as lideranças, respeitem uns aos outros, não sejam desumanos, nós temos um presente de Deus que é a terra, essa terra é muito rica, temos muito alimentos, muitos

peixes, podemos plantar, fazer nossa roça, falta só nós nos aprimorar, ter conhecimento e ver o queremos, porque nós precisamos de pessoas formadas para defender o nosso povo na questão da nossa terra, das drogas, bebidas alcólicas, isso aí é um trabalho muito importante para todos. É o que eu diria para eles que sejam obedientes, por causa dessa transformação. Temos que estar preparado para enfrentar as dificuldades que aparecerão.